

ANO 3 - NÚMERO 35 - SETEMBRO 2017

# Xapuri

**SOCIOAMBIENTAL**

R\$ 10

**PARAGUAI:**  
A GUERRA GRANDE DO BRASIL  
p. 08

**CERRADO**

A savana mais rica do mundo

p. 24

**ECOTURISMO**

Peirópolis, a terra dos dinossauros

p. 34

**MEMÓRIA**

A falta que Betinho nos faz

p. 38





Acesse nosso site e saiba mais.  
[www.fenae.org.br](http://www.fenae.org.br)

A Fenae, criada em 1971, é referência na defesa da Caixa **100% pública** e dos direitos dos empregados do banco.

No momento em que o projeto do governo visa o fatiamento da Caixa, essa precisa ser uma luta de todos os brasileiros.

Defender a Caixa é defender mais que um banco!

**Defenda a Caixa você também!**



**FENAE**

FEDERAÇÃO NACIONAL DAS ASSOCIAÇÕES  
DO PESSOAL DA CAIXA ECONÔMICA FEDERAL

“ **Se procurar bem, você acaba encontrando  
Não a explicação (duvidosa) da vida,  
Mas a poesia (inexplicável) da vida.** ”

Carlos Drummond de Andrade

## COLABORADORES/COLABORADORAS SETEMBRO

Altair Sales Barbosa – Arqueólogo. Antenor Pinheiro – Jornalista. Cezar Santos – Biólogo. Eduardo Henrique – Fotógrafo da Natureza. Eduardo Pereira – Produtor Cultural. Emir Sader – Sociólogo. Iêda Leal – Educadora. Iêda Vilas-Bôas – Escritora. Jaime Sautchuk – Jornalista. Karla Caetano – Fotógrafa. Leonardo Boff – Escritor. Lúcia Resende – Educadora. Mariel Angeli Lopes – Economista. Rosângela A. Corrêa – Antropóloga. Trajano Jardim – Jornalista. Zezé Weiss – Jornalista.

## CONSELHO EDITORIAL

- |                                      |  |
|--------------------------------------|--|
| 1. Jaime Sautchuk – Jornalista       | 7. Emir Sader – Sociólogo              |
| 2. Zezé Weiss – Jornalista           | 8. Graça Fleury – Socióloga            |
| 3. Altair Sales Barbosa – Arqueólogo | 9. Jacy Afonso – Sindicalista          |
| 4. Antenor Pinheiro – Jornalista     | 10. Jair Pedro Ferreira – Sindicalista |
| 5. Chico Montenegro – Advogado       | 11. Iêda Vilas-Bôas – Escritora        |
| 6. Elson Martins – Jornalista        | 12. Trajano Jardim – Jornalista        |



## EXPEDIENTE

Xapuri Socioambiental  
Telefone: (61) 9 9967 7943. E-mail: contato@xapuri.info. Razão Social: Xapuri Socioambiental Comunicação e Projetos Ltda. CNPJ: 10.417.786\0001-09. Endereço: BR 020 KM 09 – Setor Village – Caixa Postal 59 – CEP: 73.801-970 – Formosa, Goiás. Atendimento: Zezé Weiss (61) 9 9967 7943; Edição: Zezé Weiss, Jaime Sautchuk (61) 98135-6822. Revisão: Lúcia Resende. Produção: Zezé Weiss. Jornalista Responsável: Thais Maria Pires - 386/GO. Menor Aprendiz: Ana Beatriz Fonseca Martins. Mídias Sociais: Eduardo Pereira. Tiragem: 10.000 exemplares. Logística: Iasmin Reis. Circulação: Revista Impressa – Todos os estados da Federação. Revista Web: www.xapuri.info. Distribuição – Revista Impressa: Todos os estados da Federação. ISSN 2359-053x.

**F**oi na mobilização com vistas à Guerra do Paraguai (1864–1870) que o povo brasileiro teve, pela primeira vez, um sentimento de nação, de um país unido em torno de uma causa. Nem no processo de Independência do Brasil, quatro décadas antes, isso havia ocorrido.

Esse período da nossa História mexeu de modo profundo com nossa gente. Afinal, cerca de 50 mil brasileiros deixaram suas vidas naquela maldita guerra. E o Paraguai, o grande perdedor, ficou arrasado, com bem menos da metade da população que tinha quando o conflito começou.

A bem de todos, porém, logo após o fim da contenda, deu-se início à reconstrução da harmonia e amizade entre os dois povos. Da mesma forma, com os da Argentina e Uruguai, que estiveram com o Brasil na Tríplice Aliança contra o expansionismo de Solano López.

A este tema dedicamos a matéria de capa desta edição de Xapuri, como forma de manter presente o nosso passado.

Mas não é só isso. Nas próximas páginas você, leitor ou leitora, vai conhecer as novas espécies de plantas e animais descobertos na Amazônia. E vai saber, também, do efeito dos projetos da Embrapa de apoio a pequenos produtores na vida prática de uma família em um Assentamento da Reforma Agrária nos confins de Goiás.

Talvez você se envergonhe em ver a posição do Brasil no ranking mundial da desigualdade social, em especial da mulher, mas talvez também se emocione com Zuzu Angel e Betinho, gente que faz falta nesses tempos bicudos em que vivemos.

Aliás, colocamos na mesa o debate sobre se é possível sair desse tempo ruim, numa crítica ao catastrofismo que se contrapõe à vontade de lutar. E a indagação sobre se nossas cidades precisam de tanto concreto e asfalto, sem espaços ao colorido das árvores e jardins.

Sim, e a receita de uma moqueca de surubim de dar água na boca.

Isso, e muito mais, você encontra nesta nossa edição 35 da Xapuri, feita com muito carinho, pra você.

Boa leitura!

**Zezé Weiss e Jaime Sautchuk**

**Editores**





## Mensagens pra Xapuri

contato@xapuri.info

*Assinante com orgulho! Esta revista eu super indico. Conteúdo variado, interessante e informativo. E todo mês ainda vêm dicas de receitas deliciosas! Salve, Xapuri!*

**Adriana Fonseca Resende – Formosa – Goiás.**

*Gosto da Xapuri porque resalta o que há de melhor no mundo, que é o meio ambiente socialmente equilibrado. E, além disso, a revista trava sempre o bom debate sobre causas que são geralmente negligenciadas pela grande imprensa, como a pauta indígena e as lutas dos movimentos sociais.*

**Guilherme Richelieu – Salvador – Bahia.**

*Uma revista que surpreende todo mês com a qualidade de suas matérias e a beleza de sua diagramação.*

**Renato Fernandes – Brasília – Distrito Federal.**



08

### CAPA

Paraguai: a guerra grande do Brasil

22

### CENTRO-OESTE

A corrida do ouro

16

### PERFIL

Francisco Doratioto: um historiador e os rios

28

### CAATINGA

Cactos e beija-flores

20

### BIODIVERSIDADE

Quase 400 novas espécies de animais e plantas descobertas na Amazônia

34

### ECOTURISMO

Peirópolis, a terra dos dinossauros

## As imagens mais populares da @revistaXapuri

@amaterasubsb



@tascli\_lieb



@cezarbiologo



Marque suas melhores fotos do Instagram com a hashtag

## #revistaxapuri

Sua foto pode aparecer AQUI!

**Xapuri** – Palavra herdada do extinto povo indígena Chapurys, que habitou as terras banhadas pelo Rio Acre, na região onde hoje se encontra o município acreano de Xapuri. Significa: “Rio antes”, ou o que vem antes, o princípio das coisas.

**Boas-Vindas!**

18

### AGROECOLOGIA

Sisteminha Embrapa adaptado em Flores de Goiás

41

### MITOS E LENDAS

A lenda do Poraquê, o guerreiro encantado que dá choques

24

### CERRADO

A Savana mais rica do mundo

44

### UNIVERSO FEMININO

Zuzu Angel: mãe de preso político desaparecido. Pioneira do movimento brasilidade em moda alta costura

26

### CONSCIÊNCIA NEGRA

Para onde caminha a juventude negra?

46

### URBANIDADE

A árvore na cidade

30

### CONJUNTURA

Contra o catastrofismo

49

### TRAGÉDIA AMBIENTAL

Césio 137: o maior acidente radioativo do Brasil completa 30 anos

36

### GASTRONOMIA

Moqueca de peixe

50

### VIDA ANIMAL

Cobra Cipó, Boiobi, Cobra Verde

38

### MEMÓRIA

A falta que Betinho nos faz

# PARAGUAI:

## A GUERRA GRANDE DO BRASIL

Jaime Sautchuk



Quando jovem, eu costumava me referir a Francisco Solano López como “louco” ou “doido varrido”, e por isso muita gente me olhava meio enviesado. No período da ditadura, então, criticar de forma tão severa o caudilho guarani parecia uma defesa dos militares brasileiros, que estavam no poder pela força.

Ainda mais que fazia muito sucesso no Brasil o livro “Genocídio Americano: A Guerra do Paraguai”, do jornalista e escritor

paulista Júlio José Chiavenatto. A obra era um *best-seller*, pelos padrões tupiniquins, e o exemplar que eu ainda hoje tenho é da 3ª edição, de 1974, da Editora Civilização Brasileira, conhecida como uma espécie de porta-voz da esquerda no Brasil de então.

Na prática, em seu livro, Chiavenatto deixa muito mal os países da Tríplice Aliança (Argentina, Brasil e Uruguai). E, ao mesmo tempo, pinta a imagem de um Solano López muito que-

rido do seu povo, liderança que modernizou econômica e militarmente o Paraguai e o transformou em um país capaz de enfrentar o imperialismo britânico, a potência imperialista daqueles tempos.

Como diz o título do livro, durante a prolongada Guerra do Paraguai (1864 a 1870), os países aliados, com o Brasil na linha de frente, praticaram um verdadeiro genocídio. Destruíram um país e dizimaram uma nação.

Em favor dessa tese, tinha o fato de que ao final do confronto o Paraguai estava com menos da metade da população que tinha quando tudo começou.

### O LOUCO

A ideia que eu tinha, no entanto, era bem diferente, em boa parte por ter ouvido a história oral ainda presente na região oeste de Santa Catarina, onde eu nasci e vivi até os 13 anos de idade. Solano López era um louco que resolveu invadir três países vizinhos ao mesmo tempo. E, ao longo dos anos, não se dava por vencido diante de sucessivas derrotas, tendo que convocar adolescentes e até crianças pra poder colocar em campo suas já combalidas tropas.

É certo que, por outro lado, grande parte da historiografia oficial ensinada nas escolas brasileiras pecava pela omissão e exageros, quando convinha. As falhas cometidas pelas Forças Armadas verde-amarelas, por exemplo, que não foram poucas nem pequenas, sempre foram minimizadas ou escamoteadas do público leitor, embora fossem contadas, ainda que de modo fragmentado, por outras fontes bibliográficas e relatos de pesquisadores.

Contudo, entre os trabalhos de fôlego, esclarecedores, merece destaque o livro “História da Guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai”, do general Augusto Tasso Fragoso, em cinco robustos volumes, publicado pela Biblioteca do Exército, em 1934. Isso, embora seja essa uma obra voltada à formação militar, e cuja divulgação sempre ficou bastante restrita às escolas e bibliotecas da caserna.

Outro livro, no entanto, este

também bastante difundido ao público em geral, trouxe de maneira consolidada e bem balanceada uma visão mais definitiva, digamos, desse evento histórico. Trata-se de “Maldita Guerra – Nova história da Guerra do Paraguai”, do historiador paulista Francisco Doratioto (veja “Perfil” nas páginas 16 e 17), lançado pela editora Companhia das Letras em 2002. Esta obra provocou mudança radical na visão que se tinha sobre o assunto.

Em meio a isso tudo, é sempre bom lembrar que, no Brasil, a Guerra do Paraguai (lá chamada de “La Guerra Grande”) teve reflexos muito além dos estragos em campo de batalha, uma tragédia em si, como são todas as guerras. Afinal, foram perto de 150.000 soldados, de todas as regiões, procedências, partidos políticos e classes sociais, incluindo milhares de negros escravos que, caso voltassem vivos, estariam alforriados, livres. Deles, 50.000 não regressaram.

Esse enorme contingente foi arregimentado principalmente porque, em janeiro de 1865, o Imperador D. Pedro II criou a figura dos Voluntários da Pátria. Em tese, seriam todos os cidadãos que se alistassem espontaneamente às tropas federais. Com o tempo, porém, esse alistamento passou a ser obrigatório, com regalias aos mais ricos, que inscreviam outras pessoas, na maioria escravos deles, em seu lugar ou doavam equipamentos e armas às tropas.

De qualquer forma, de todos os reflexos, o maior, sem dúvidas, foi o nascimento da nação brasileira, um sentimento de unidade nacional que nunca havia sido experimentado, nem mesmo no processo da Independência, 42 anos antes do início do conflito.

Por mais que houvesse posições divergentes, contrárias e a favor da guerra, ali surgiu a consciência de povo brasileiro.

Muitos estudiosos da formação da sociedade brasileira dizem que esse sentimento decorreu do fato de o Paraguai ter invadido o Brasil, dando início ao conflito.

### INVASÕES

Em meados do século XIX, o caminho pra se chegar à fronteira Oeste do Brasil, no Mato Grosso, era fluvial. Por terra, só em lombo de animais ou a pé, rompendo os sertões, quando muito por trilhas mal desenhadas que eram usadas por tropeiros. Era por água também, em barcos a vapor, que fluía o comércio entre a Região Sul do Brasil, a Argentina e o Uruguai.

Por isso, a bacia do rio da Prata, formada principalmente pelos seus afluentes Paraguai, Paraná e Uruguai, era de grande importância ao Brasil. Esta era, também, a via mais rápida de acesso do Paraguai ao Oceano Atlântico.

Pra manter o trajeto livre, o governo guarani precisava gozar de boas relações com a Argentina e o Uruguai, que, pela sua posição geográfica, detinham o controle do estuário do Prata. E arcar com as pesadas taxas cobradas por comerciantes nos portos de Buenos Aires e Montevideú.

Sempre foi, porém, uma região de relações bastante sensíveis e complicadas. Em 1864, o Brasil entrou em conflito armado com o Uruguai e chegou a ocupar o porto de Montevideú. Assim, tomava partido na guerra civil uruguaia, que depôs o governo de Atanasio Aguirre, do Partido

Blanco (progressista), que era aliado Solano López, e este se opunha à intromissão brasileira na contenda.

Em novembro daquele ano, a marinha paraguaia apreendeu um navio brasileiro que navegava no rio Paraguai, rumo ao Mato Grosso. Isso gerou o rompimento de relações entre os dois países. Um mês depois, porém, veio o pior: as forças de Solano López invadiram pesadamente o território mato-grossense. Ali começou a Guerra do Paraguai.

A marinha guarani chegou com 4.200 homens, em cinco vapores e cinco barcos menores, pelo rio Paraguai. O exército veio com mais 3.500 soldados, totalizando 7.700. Pego de surpresa, o Brasil mantinha oito postos de fronteira, sem comunicação em si, com cerca de 1.000 pessoas no total.

Apesar de alguma resistência, inclusive de agrupamentos indí-

genas, os paraguaios entraram do jeito que quiseram e logo tomaram Cuiabá, a capital da província, que à época tinha 10.000 habitantes, e demais cidades da região. O governo imperial determinou o deslocamento de tropas do Rio de Janeiro, por terra, mas essas levaram mais de seis meses pra percorrer os mais de 2.000 km e chegar à região invadida.

Em março de 1865, outras forças paraguaias realizaram operação semelhante na província de Corrientes e Entre Rios, na Argentina, tomando a cidade portuária de Corrientes. Ao mesmo tempo, tentavam penetrar no Uruguai, ampliando seus domínios até chegar de novo ao Brasil, agora pelo Sul.

A invasão do Rio Grande do Sul começou em 10 de junho daquele ano, por terra, quando cerca de 10.000 paraguaios, vindos pela Argentina, desceram pelas mar-

gens do rio Uruguai. Chegaram primeiro às localidades de São Borja e Itaqui, onde não havia guarnições brasileiras, de modo que as forças paraguaias entraram ao bel-prazer. E dali seguiram até a cidade de Uruguaiana, onde se entrincheiraram em 5 de agosto.

Contudo, já no dia 11 de junho a Marinha Brasileira, comandada pelo Almirante Tamandaré, enfrentou a paraguaia na Batalha do Riachuelo, nome de um ribeirão que desagua no rio Paraguai. As forças invasoras foram derrotadas e o rio foi bloqueado, provocando o isolamento fluvial do Paraguai, feito decisivo no desenrolar da guerra a partir de então.

Ainda antes, no entanto, em 1º de maio daquele ano, por articulação da diplomacia de Pedro II, em reunião secreta, em Buenos Aires, foi criada a Tríplice Aliança. Era uma união de países que

Solano López não esperava, mas acreditava ter forças pra enfrentar.

## O BRASIL EM ARMAS

Quando começou a guerra – e por bom tempo ainda – o Exército Imperial brasileiro era uma espécie de organização de escoteiros, tal seu despreparo. Contava oficialmente com 12.000 soldados, muito menos do que o Paraguai, e ainda por cima mal equipado, com armas antigas e em pouca quantidade.

A ausência de planejamento estratégico, logística e intendência era gritante, como se pode constatar nas ações do Mato Grosso e nas plagas gaúchas, fato corroborado por muitos escritos de autores militares.

Em pleno Pantanal Mato-grossense, um celeiro de alimentos, centenas de soldados morreram de fome. No Sul, o frio matou outro tanto, pois eram pessoas procedentes do Norte e Nordeste, regiões de clima quente. Sem falar nas doenças endêmicas e simples gripes, picadas de cobras e até mesmo a fadiga de longas caminhadas.

Este foi o caso do famoso episódio da Retirada da Laguna. Uma coluna de 3.000 homens que saíra do Rio em abril chegou em Coxim, no Mato Grosso, em dezembro. Na localidade não havia invasores nem moradores. A tropa seguiu até Miranda, também abandonada, onde já chegou com cerca de 1.700 soldados.

Seu comandante, coronel Carlos Camisão, resolveu então invadir o Paraguai, forçando a marcha. Chegou à vila de Laguna em abril de 1867, mas foi posta pra correr pelos guaranis, com muitas baixas. A coluna vol-

tou ao Brasil com menos de 800 soldados, moribundos.

Quando postas à prova, o que assegurava a subsistência das tropas era a tática do saque, bastante usada nas guerras antigas e pelos cangaceiros nordestinos. Ou seja, ao atacar o inimigo, o que se buscava era não apenas derrotá-lo, mas também tirar dele alimentos, armas, munições e o que mais pudesse. A intendência, supridora de mantimentos e indumentária, era uma nulidade.

Isso refletia, em verdade, o valor que Dom Pedro II dava às forças armadas, que era quase nenhum. Era atribuída a ele a frase “militar é assassino legal”. Seu apego maior era à cultura, às artes, às ciências. Em um de seus livros (“Um Estadista do Império”), Joaquim Nabuco afirma que, ao Imperador, seria melhor “em vez de um militar, um matemático, um astrônomo, um engenheiro”.

É certo que havia também a Guarda Nacional, tropa menos mambembe, que na capital era subordinada diretamente ao governo central. Mas, nas províncias, ficavam sob as ordens das oligarquias locais e, por isso, em muitos locais elas eram verdadeiros bandos de jagunços, e demoraram a entrar na guerra.

De todo modo, causou surpresa a decisão de Pedro II de revidar a investida paraguaia em território tupiniquim e mais ainda quando ele foi ao Rio Grande do Sul e se alistou como o primeiro “voluntário da pátria”, disposto a pegar em armas e ir à luta. Essa atitude lhe rendeu o apelido de “senhor da guerra”.

Na viagem, descrita em detalhes por Lilia Schwarcz, em “As Barbas do Imperador”, ele aproveitou pra se aproximar dos

comandantes militares, com os quais andava meio estremecido. Dormiam numa mesma barraca, grande, quadrada, com diversos compartimentos.

Dois anos após o início do conflito, vindo a desorganização das tropas e a iminência de um fracasso, Pedro deu sua grande tacada ao nomear Luiz Alves de Lima e Silva, Duque de Caxias, como comandante-geral das tropas brasileiras na guerra declarada contra o Paraguai.

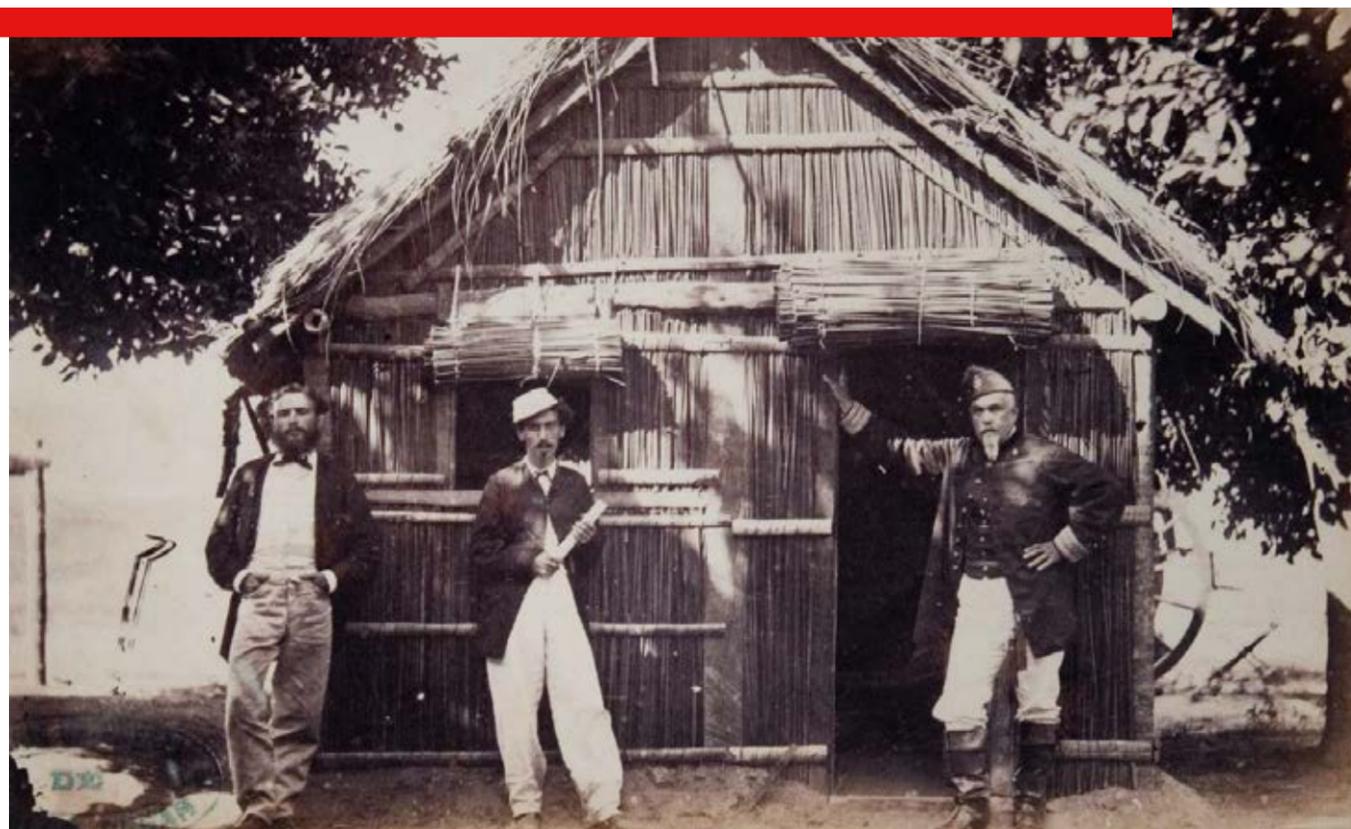
A partir de então, houve significativas mudanças na organização do Exército, com novas armas e em questões como alimentação e vestimenta dos soldados. Aos oficiais era dada uma ração com gêneros alimentícios, vinho e dinheiro. E pensão às famílias, após a morte. Isso elevou o ânimo das tropas.

Foram adotadas, também, medidas disciplinares, melhorando as relações entre componentes das diversas instâncias da hierarquia. Antes, eram comuns conflitos, com brigas e escaramuças, no seio das próprias tropas, segundo relatos militares. Além do mais, em campanhas, era permitido aos oficiais e soldados levar suas famílias.

## ETAPAS DA GUERRA

Boa parte dos historiadores que estudaram a Guerra do Paraguai a divide em etapas. Primeiro, as invasões paraguaias, depois as contraofensivas, separadas por batalhas ou operações. Isto, entretanto, embora tenha função didática, não segue uma ordem cronológica estanque, bem definida.

Os eventos ocorreram muitas vezes ao mesmo tempo ou em épocas trocadas, ou seja, um determinado episódio pode ter





Fotos: geaciprianoabarata.blogspot.com.br

ocorrido antes de um outro, mas é citado em fase posterior. Além disso, a historiografia de cada país envolvido realça feitos diferentes num mesmo período, de acordo com seus protagonistas.

É bem verdade que, na sua fase final, os dois últimos anos foram de recrudescimento da situação de Solano López, que assumiu uma postura de defesa, ainda que esboçando ataques. E passou a enfrentar uma guerra doméstica, em que combatia compatriotas que se opunham à continuidade do confronto, pregando a rendição e um acordo de paz.

Em março de 1868, por exemplo, após ter sido escorraçado da Fortaleza de Humaitá, tida como seu último reduto, ele se refugiou em San Fernando. Lá, instalou um conselho de guerra que jul-

gou rebeldes por ele acusados de armarem um complô pra derrubá-lo. Centenas foram fuzilados, inclusive seu irmão Benício, no que ficou conhecido como “Massacre de San Fernando”.

Ao chegar em Assunção, em agosto de 1869, a Triplíce Aliança promoveu a formação de um governo provisório por forças contrárias a Solano. Encabeçado por Cirilo Rivarola, esse governo convocou eleições diretas pro ano seguinte, com a formação de uma assembleia constituinte.

No entanto, Solano López ainda formou um exército de 5.000 pessoas -- inclusive idosos, mulheres, adolescentes e crianças -- que ficou refugiado em montanhas. Ali, foi cercado por 12.000 homens das forças aliadas, sob o comando do brasileiro Luís Felipe de Orleans, o Conde d’Eu,

genro de Pedro II (marido da princesa Isabel).

Mas ele resistiu até ser impiedosamente morto, em 1º de março de 1870. Era o fim da Guerra.

### **OBJETIVOS DE LÓPEZ**

Há muita controvérsia sobre os reais objetivos de Solano López em sua tresloucada aventura internacional, classificada por muitos como imperialista. Seu ideário estaria contido em um documento que ele chamava de “Grande Paraguai”, onde eram traçados os caminhos pra assegurar o acesso guarani ao Oceano Atlântico.

Alguns autores minimizam essas intenções. Sergio Buarque de Holanda, por exemplo, defende que sua vontade era de “apenas” incorporar ao seu país an-



tigas áreas da Igreja Católica na Argentina e no Sul do Brasil. Mas, em suas ações práticas, López deixava claro que o território uruguaio faria parte dessa expansão.

Os países da região platina nasceram, em verdade, da expansão portuguesa. Pelo Tratado de Tordesilhas, de 1494, em que a Espanha e Portugal repartiam o mundo entre eles, a linha divisória do que é hoje o Brasil passava a 72 km a oeste de onde está a Praça dos Três Poderes, em Brasília, partindo de Belém do Pará, no sentido norte-sul, até bater na cidade de Laguna, em Santa Catarina.

No entanto, principalmente pela ação das entradas e bandeiras, Portugal foi levando essa linha a oeste, ocupando fisicamente novos territórios, até a Espanha se dar conta das perdas e pedir um novo acordo. Assim, foi assinado o Tratado de Madri, em 1750. Mas, ainda não satisfeita, 26 anos depois a Espanha criou o Vice-reino do Rio da Prata, com sede em Buenos Aires, abarcando o que é hoje Uruguai, Argentina, Paraguai, Bolívia e uma parte do Chile.

Foi esse vice-reino que primeiro se tornou independente da própria Espanha, depois foram surgindo os países. Em 1811, as oligarquias que tomavam conta da região guarani declararam a independência do Paraguai em relação ao vice-reino. Quem assumiu a presidência da República foi José Gaspar Rodrigues Francia, que se distanciou dessas elites e ficou no poder por quase três décadas.

Isolado, sem ser reconhecido pelos vizinhos, o governo paraguaio se viu forçado a adotar um regime econômico autossustentado. Francia promoveu uma ampla reforma agrária, expro-

priando terras das oligarquias e da Igreja Católica, e implantou indústrias capazes de produzir equipamentos agrícolas. Tinha terras e insumos ao povo do campo, empregos ao da cidade e educação a todos. No plano externo, fez um acordo de fronteiras com o Brasil.

Ao morrer, em 1840, Francia foi substituído por duas juntas militares, até ser convocado um congresso nacional que escolheu o novo presidente. Assumiu o poder, então, o advogado Carlos Antonio López, que era ligado às oligarquias e pai de Solano.

Ele se aproximou dos vizinhos, abriu o porto de Assunção, ampliou o comércio externo, promoveu os investimentos e a transferência de técnicos estrangeiros e investiu fortemente nas forças armadas do país. Assinou acordos

comerciais com a França e a Inglaterra. Mas manteve as políticas sociais de Francia.

Investiu, também, na formação de seu filho, nascido em 1827, primeiro em escolas militares do país, depois na Alemanha. Já aos 18 anos Solano foi nomeado general-de-brigada e, no ano seguinte, ministro da Guerra. Em suas idas à Europa, conversava com chefes militares e estudou a fundo a organização do exército prussiano, então considerado o mais bem preparado do mundo.

Com a morte de Carlos López, em 1862, o Congresso foi convocado e elegeu Solano presidente da República por 10 anos. No poder, sua principal linha de ação foi preparar o país pra uma grande guerra, embora ainda não soubesse ao certo contra quem.



Solano López



**Jaime Sautchuk**  
Jornalista. Escritor



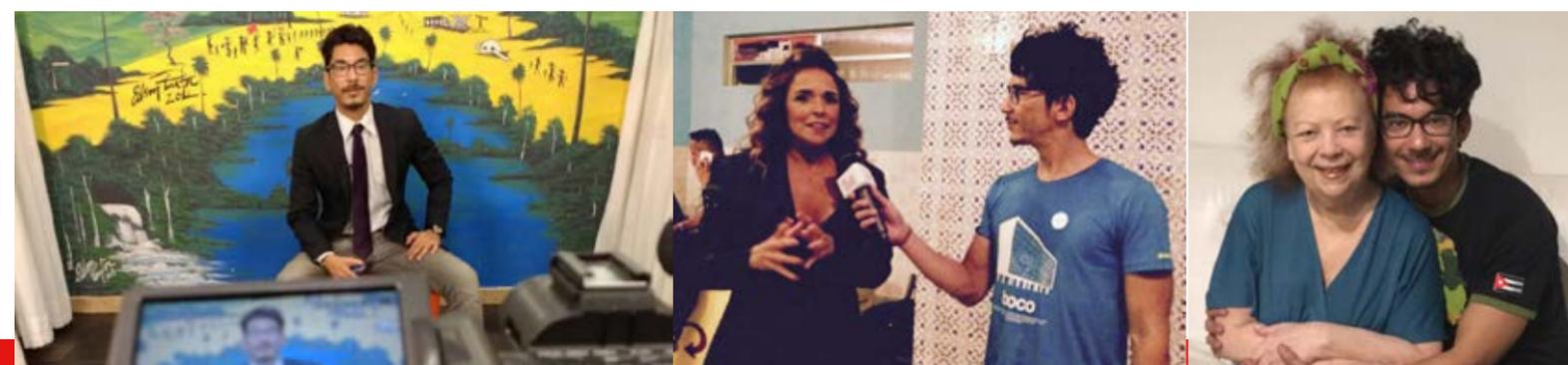
Apresentação: **Rodrigo Couto**

**Sábado, às 17h30**  
**Segunda-feira, às 18h**

**TV COMUNITÁRIA**  
**NO CANAL 12 DA NET - BRASÍLIA**

Entrevistas Exclusivas:

Beth Carvalho, Daniela Mercury, Marcia Tiburi, e outras mais, você vê no programa 100 Roteiro, publicadas também na revista Xapuri.



# FRANCISCO DORATIOTO



Jaime Sautchuk

## UM HISTORIADOR E OS RIOS



Desde criança até a idade adulta, Francisco banhava e arriscava fregar algum peixe no rio Atibaia, que banha a cidade do mesmo nome, no interior de São Paulo, onde ele nasceu e cresceu. O Atibaia é formador do Piracicaba, que desagua no Tietê, que por sua vez vai bater no Paraná e este ajuda a formar o Rio da Prata, que separa a Argentina do Uruguai até desembocar no Oceano Atlântico.

Pode ser coincidência, mas as águas do Atibaia devem ter contaminado o menino Francisco Fernando Monteoliva Doratioto, que ao virar historiador adotou a História do Rio da Prata como uma de suas três linhas de pesquisa. Na prática, ele dedica sua vida acadêmica ao estudo das muitas histórias dos países da Bacia do Prata e das relações do Brasil com esses vizinhos do Cone Sul.

Dentre os vários trabalhos que já publicou em livro, Francisco Doratioto, como ele é conhecido, pode se orgulhar de ser o autor de um clássico da historiografia nacional. Falo de *Maldita*

*Guerra – Nova história da Guerra do Paraguai*, obra tida como um marco divisório do entendimento que se tem desse conflito que marcou fundo a História dos países envolvidos, em especial a do Paraguai, o grande perdedor.

Em verdade, a obra foi uma encomenda da editora Companhia das Letras, que conhecia suas pesquisas sobre a região, suas andanças por aquelas águas. Antes, em 1996, ele havia publicado *O conflito com o Paraguai: a grande guerra do Brasil* (São Paulo, Ática), que dava uma amostra de um novo tratamento desse imbricado tema.

Em outras obras, Doratioto já abordava as relações do Brasil com o Paraguai em diferentes tempos, antes e depois da guerra. Esse foi, aliás, o tema de suas teses de mestrado e doutorado. A primeira se referia ao período do Império (1822–1889), englobando os anos do conflito armado e seu rescaldo, e a segunda ao da República Velha (1889–1930).

Ele sempre fez questão de realçar a possibilidade (ou necessidade) de reconstrução da paz e da amizade entre os povos após períodos belicosos. Cita, com exemplo, as europas que renasceram depois das duas guerras mundiais.

Sobre isso, ele afirma:

*– Penso no que ocorreu na Europa, onde Alemanha e França preocuparam-se em entender a I e da II Guerra Mundial a partir da metodologia histórica e não de um nacionalismo pernicioso, mostrando o sofrimento de suas populações e seus soldados e as consequências dessas guerras. Também para nós, na América Meridional, a Guerra do Paraguai deve ser motivo de reflexão que nos permita superar preconceitos e avançar no processo de conhecimento mútuo e de integração regional.*

Talvez por essa razão, depois de morar uns tempos na Suíça, na década de 1990, ele se mudou

de mala e cuia pra Assunção, a capital de um país amigo chamado Paraguai. Lá, vasculhava arquivos, conversava com pessoas entendidas nos assuntos relacionados às suas pesquisas e formava laços profissionais e de amizade, muitos dos quais mantêm até hoje. É membro da Academia Paraguaya de la Historia, por exemplo.

No Brasil, suas pesquisas sempre fluíram com tranquilidade, mesmo nos arquivos militares, que já estavam depositados no Arquivo Nacional, na Biblioteca Nacional e no Instituto Histórico e Geográfico. Estranhamente, porém, foi na abertura das gavetas do Itamaraty que ele encontrou dificuldades, pois foi negado acesso a uma área intitulada “Guerra do Paraguai”.

No final dos anos 1990, esses arquivos foram enfim liberados a pesquisadores. Mas, Doratioto ressalva:

*– Pedi e obtive, então, acesso a esse arquivo e fiquei decepcionado, pois não tinha nenhum documento inédito, exceto algumas cartas de Solano López sobre as condições de saúde da tropa paraguaia. É um mistério o motivo porque esse arquivo foi mantido secreto, gerando especulações sobre que informações explosivas ele conteria.*

Pra chegar a esse ponto, foi um longo e duro caminho. Filho único de família de vida modesta, ele teve que trabalhar desde muito cedo, num pequeno empório que seus pais mantinham na periferia de Atibaia. Saiu de casa aos 18 anos, pra prosseguir os estudos na capital. Passou no vestibular da Universidade de São Paulo (USP), mas ao mesmo tempo trabalhava pra se sustentar.

Logo no segundo ano da graduação, por concurso, virou escriturário do Instituto de Oceanografia da própria USP. Dois anos depois, resolveu encarar outras salas de aula, como professor do primeiro e segundo graus em es-

colas paulistanas.

Nas USP, ele fez dois cursos de graduação (História e Ciências Sociais) e alguns depois, em 1986, transferiu-se pra Brasília, de onde nunca mais arredou pé. A principal razão da mudança foi o fato de a Universidade de Brasília (UnB) ser a única que tinha mestrado em História da Política Externa do Brasil. Ali mesmo fez doutorado e então voltou à condição de professor, mas da Universidade Católica (PUC) da capital federal.

Nesse meio tempo, casou-se com uma funcionária de carreira do Ministério das Relações Exteriores, com quem vive ainda hoje. Tiveram dois filhos, já adultos e já encaminhados na vida, um formado em Administração de Empresas, outro, em Direito.

De volta à UnB, agora como professor, atualmente Doratioto dá aulas de História da América e História das Relações Internacionais do Brasil, em cursos de pós-graduação. Ministra essas mesmas disciplinas no curso de formação de diplomatas do Instituto Rio Branco, do Itamaraty.

Ao completar 60 anos de idade, ele prepara mais um livro, de novo sobre o Paraguai, mas desta vez sobre a ditadura do general Alfredo Stroessner, que durou 35 anos (1954 a 1989).

Ele diz que não pretende sair de Brasília, mas, caso tivesse que escolher outro lugar pra morar, optaria por algum estado do Sul, região que mais o atrai. Quem sabe em alguma cidade às margens dos rios Iguaçu ou Uruguai, ambos da Bacia do Prata.



**Jaime Sautchuk**  
Jornalista. Escritor

# SISTEMINHA EMBRAPA ADAPTADO EM FLORES DE GOIÁS: FAMÍLIA CAETANO COMEMORA UM ANO DE PEIXE NO QUINTAL

Zezé Weiss



Fotos: Acervo Karla Caetano

Para a maioria das mais de 500 famílias do Projeto de Assentamento São Vicente (P. A. São Vicente), localizado cerca de 40 km depois da cidade de Flores de Goiás, em terra quente e seca, a paisagem semiárida torna tudo mais difícil nesta época do ano. Não para a família Caetano. Ali, como que quase por milagre, a mesa é farta,

o cenário tem tinturas de verde, o clima refresca um pouco, o quintal se borda de movimento, e a vida, mesmo com seus perrengues, corre alegre, serena e feliz.

Karla e Flávio Caetano, ele lavrador, ela aprendiz de lavradora, professora, palestrante e estudante do curso de Licenciatura em Educação no Campo – Universidade de Brasília (UnB), moram

com os filhos adolescentes Ângela e Davi em uma casa bem simples, sem reboco e sem Rede Globo, no lote 26, na quadra 09 do Eixo 03 do P. A. São Vicente. Ali, depois da descoberta e da implantação do que chamam de “Sisteminha Embrapa Adaptado”, a família celebra um ano de mesa farta, com verdura orgânica e peixe fresco no tanque do quintal.

Junto com o peixe, servido duas vezes por semana em pratos bonitos e criativos que Karla vai inventando e adaptando com o que tem na horta, vem a verdura fresquinha do SAF (Sistema Agroflorestal Familiar) implantado ao lado do tanque, além de uma infinidade de “experimentos” – economia de água, reciclagem, minhocário, técnicas de proteção do solo, produção de mel, pequena criação de galinhas e ovelhas – que vão mudando a paisagem local e, por extensão, a qualidade de vida da família e da comunidade.

Karla conta que o “Sisteminha Embrapa” foi encontrado por Flávio na internet em um momento crítico, quando os dois buscavam formas sustentáveis para permanecer na terra. O Sisteminha, criado pelo professor Luiz Carlos Guilherme e sua equipe na Embrapa Meio-Norte como um “desagravo à fome”, busca integrar – a partir da produção de peixe em um tanque barato e fácil de fazer – outras atividades produtivas consorciadas em cerca de 500 m<sup>2</sup> de área. O tanque dos Caetano custou cerca de R\$ 600, com a mão de obra deles, excluindo parte da matéria prima, que já existia na propriedade.

No caso de Karla e Flávio, o tanque foi feito com paredes externas de taipa, ancoradas em varas de taboca, amarradas com “corda” de garrafa pet, feita por eles mesmos. O tanque comporta cerca de 300 alevinos que, ao final de cinco meses, podem gerar 150 kg de peixe fresco. “No nosso caso, a conta não é essa, porque vamos usando o peixe na nossa dieta ao longo do crescimento dele, a partir dos três meses, então não chegamos aos 150 kg, mas também não faltou peixe na nossa mesa, e chegamos a pescar exemplares de até um quilo e meio!”, explica Karla.

Na prática, o que Karla e Flávio vêm fazendo é adaptar, para a realidade de Flores de Goiás, o Sistema Integrado Alternativo para a Produção de Alimentos, conhecido como Sisteminha Embrapa, desde

2011 instalado na Embrapa Meio-Norte UEP Parnaíba como unidade demonstrativa para o treinamento de produtores familiares. A este processo, por eles chamado de “Sisteminha Adaptado em São Vicente”, os Caetano dão visibilidade por meio da publicação de vídeos em seu canal do YouTube “Dona Kaetana”, e da manutenção da página de Karla Caetano no Facebook, “Sisteminha Embrapa adaptado em São Vicente.”

Na comunidade, Karla e Flávio vão insistindo em, pelo exemplo, romper desânimos e quebrar resistências culturais arraigadas entre um povo forte, mas que por séculos viveu sempre sem alternativas, convivendo com a miséria e a enorme dependência do mercado. Na Internet, tanto em seu canal do YouTube, “Dona Kaetana”, quanto na página do Facebook.

“Sisteminha Embrapa adaptado em São Vicente”, a moça morena dos sertões de Flores de Goiás publica vídeos curtos e didáticos contando cada passo do projeto e falando “do que deu certo e do que não deu”, para que outras famílias “não incorram nos mesmos erros e obtenham melhores resultados”. Em consequência, outros sisteminhas já começam a surgir na paisagem comunitária, como o da amiga Sirlene, que inovou com o uso da tecnologia “bambu-cimento” na produção do tanque e retribuiu com belos pés de alface vindos da água regada com o que é reciclado do tanque. E já faz tempo que o quin-

tal dos Caetano deixou de ser só deles.

Ali, são frequentes as visitas de moradores de outros assentamentos da região, de pessoas apaixonadas pela agroecologia, de técnicos de entidades públicas e empresas privadas e, mais recentemente, de políticos da região, como o presidente da Câmara de Vereadores e o prefeito da vizinha cidade de Posse, que chegaram, há poucas semanas, acompanhados do próprio prefeito do município de Flores de Goiás que, segundo os Caetano, ainda não conhecia o Sisteminha adaptado em seu município.



**Zezé Weiss**  
Jornalista  
Socioambiental  
@zezeweiss



# QUASE 400 NOVAS ESPÉCIES DE ANIMAIS E PLANTAS DESCOBERTAS NA AMAZÔNIA

Eduardo Pereira



Na Amazônia, uma nova espécie é descoberta a cada dois dias. Entre os anos de 2014 e 2015 foram catalogadas 381 novas espécies de plantas e animais vertebrados, a maioria delas em áreas de conservação ou zonas próximas, sendo que quatro na Reserva Nacional do Cobre e Associados (Renca). Os dados fazem parte do relatório apresentado pelo Fundo Mundial para a Natureza (WWF) no dia 30 de agosto, em São Paulo.

Foram catalogadas: 216 novas espécies de plantas; 93 de peixes; 32 de anfíbios; 19 de répteis; 01 ave; 18 mamíferos; e 02 mamíferos fósseis, incluindo o zogue-zogue, um macaco com longa cauda avermelhada, avistado no noroeste do estado de Mato Grosso. Além dessas, registrou-se também uma nova espécie de golfinho de água doce, cuja estimativa de aparição no planeta é de cerca de 2,8 milhões de anos.

O relatório, realizado em parceria com o Instituto Mamirawá, foi elaborado por dezenas de cientistas, com a colaboração da população local. Como metodologia, foi

feita uma revisão de bibliografia científica para inclusão apenas das novas espécies de vertebrados e plantas descritas em periódicos científicos e submetidas à revisão dos pares, informou o WWF.

A Amazônia hospeda a maior diversidade entre as florestas tropicais da Terra. Segundo estudo de 2005, citado pelo WWF, atualmente há entre 1,7 e 1,8 milhão de espécies no mundo. Dentre essas, 80% ainda não teriam sido mapeadas. Os cientistas alertam que precisam correr contra o tempo nesse trabalho, porque 0,1% das espécies do planeta desaparecem todos os anos.

## ALGUMAS DAS NOVAS ESPÉCIES ENCONTRADAS EM SOLO BRASILEIRO:

*Hypocnemis Dondoni* - cantador-de-rondon - pequena ave com cores bem distintas. O nome da espécie foi dado em homenagem ao antropólogo, explorador e indigenista brasileiro, Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon.  
*Lantana Guatteria amapaenses* - es-

pecie vegetal descoberta no Amapá, na rodovia Perimetral Norte. Sem coordenadas.

*Iônia araguaiaensis* - espécie de boto que só foi descrita recentemente, em 2014, graças à análise de carcaças encontradas em um lago da bacia do rio Araguaia.

*Potamotrygon limai* - arraia de água doce, a limai foi encontrada no estado de Rondônia, no rio Jaramari, bacia do alto rio Madeira; até então era confundida com outra do mesmo gênero.

*Plecturocebus miltoni* - macaco zogue-zogue-rabo-de-fogo - animal descoberto em dezembro de 2010, no noroeste do Mato Grosso. A publicação do artigo científico que registra a espécie foi concluída em 2014. O nome "rabo de fogo" é inspirado na sua longa cauda avermelhada. Já a alcunha científica foi dada em homenagem ao cientista Milton Thiago de Mello, em reconhecimento à sua contribuição à primatologia.



## MULHERES E DESIGUALDADE: BRASIL ATRÁS DA LÍBIA E DA MALÁSIA

Mariel Angeli Lopes

A desigualdade social no Brasil é uma das mais elevadas do mundo. De acordo com o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), divulgado anualmente pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), em 2015, último ano de análise, o Brasil foi 79º país mais desigual (em uma lista de 188).

Apesar dos avanços sociais ocorridos nas últimas décadas (como a criação do Sistema Único de Saúde, a criação do Bolsa Família e a valorização do Salário Mínimo), que garantiram que o IDH brasileiro melhorasse continuamente desde 1990, em 2015 não houve melhorias.

Um dos principais motivos para esta estagnação, de acordo com o próprio PNUD, é a elevada desigualdade de gênero na sociedade brasileira. No ranking que considera somente o gênero, o Brasil cai para a 92ª posição, atrás de países como a Líbia e a Malásia.

Essa desigualdade não se restringe ao mercado de trabalho, mas é neste em que se mostra mais latente: as mulheres têm taxa de participação no mercado de trabalho (proporção de pessoas que 16 a 59 anos) de 55%, muito inferior à dos homens,

que em 2015 era de 78%, de acordo com a Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílio (Pnad).

A probabilidade de encontrar emprego é menor para as mulheres, que possuem taxas de desocupação maiores que as dos homens, e a qualidade dos empregos também é pior, indicam pesquisas da Organização Internacional do Trabalho (OIT).

Uma vez empregadas, as mulheres brasileiras recebem, em média, 77% da remuneração dos homens, embora trabalhem, em média, 7,5 horas a mais por semana que os homens (53,6 horas semanais de trabalho), e mais de 90% realizam atividades domésticas, enquanto entre os homens 53% dedicam parte do seu tempo ao cuidado da casa.

A OIT estima que, caso as mulheres brasileiras participassem do mercado de trabalho nas mesmas condições dos homens, o Produto Interno Bruto (PIB) cresceria até R\$ 382 bilhões por ano, e a arrecadação fiscal poderia aumentar em até R\$ 131 bilhões.

Em meio à severa crise econômica que o Brasil enfrenta, torna-se imprescindível discutir como inserir as mulheres na economia, não para o bem somente destas, mas de toda nossa sociedade.



**Mariel Angeli Lopes**  
Economista do DIEESE e assessora da FITRATELP

# A CORRIDA DO OURO

Altair Sales Barbosa

Durante a corrida do ouro – no Brasil Central, período que, de forma geral, vai, grosso modo, de 1722 a 1822, e conhecido como período colonial – todo garimpo, em princípio, transformava-se em um núcleo de povoamento urbano, cuja duração no tempo dependia exclusivamente da fartura com que a terra respondia às esperanças dos garimpeiros.

Assim, no começo, segundo afirmam os historiadores, Goiás povoou-se e despovoou-se com o ouro. Um dos presidentes da então Província de Goiás – José Martins Pereira de Alencastre, que governou pouco mais de um ano, entre abril de 1861 e junho de 1862 – resume, em seus *Anuais da Província de Goiás*, o que foi a saga da corrida do ouro nos sertões goianos e tocantinenses no período colonial:

*Um imenso lençol de ouro se desenrolava às vistas ávidas do mineiro ambicioso, e suas espe-*

*ranças eram satisfeitas, no início, sem quase trabalho e sacrifício. Mas foram poucos os anos de grandeza e prosperidade. O mesmo passou e à luz fugaz dessa transitória grandeza sucedeu o quadro mais contristador, o deslumbramento, porém, continuou por muito tempo ainda. A mineração era uma espécie de Saturno a devorar seus próprios filhos, era um simulacro desse louco trabalhar das Denaidés, sem fim e resultado, porque sempre estava em começo.* (Alencastre, 1979, p. 17,23).

Todos nós sabemos hoje o que representaram, em prejuízos para a natureza e para as pessoas, os estragos materiais e psicológicos que os garimpos, os antigos e os atuais, deixaram para trás.

Nem tudo, porém, é tristeza e constrangimento, porque, da atividade mineradora, nasceram ricos patrimônios arquitetônicos e urbanos como Villa Boa (atual-

mente cidade de Goiás) e Meyra-Ponte (hoje Pirenópolis). No seu rastro vieram outras relíquias, que tiveram vida longa ou efêmera: Santa Cruz, Pilar, Cavalcante, Chapéu (hoje Monte Alegre de Goiás), Flores (de Goiás), Crixás, São Domingos, Bom Fim (atual Silvânia), Santa Luzia (hoje Luziânia), São José do Tocantins (rebatizada com o nome de Niquelândia), Corumbá de Goiás, Caldas Novas (que nasceu ao lado de fontes termais), Santo Antonio do Descoberto (que se chamava Montes Claros), Trayras (que hoje não passa de ruínas abandonadas e até trocou de nome, conhecida atualmente por Tupiraçaba, hoje um mero distrito quase despovoado de Niquelândia), São Félix (cujos testemunhos de existência não resistiram ao tempo, apesar de ter existido ali uma casa de fundição, o que lhe conferia um status de arraial importante), Jaraguá e certamente muitos outros

que tiveram vida curta para durar no tempo, como os arrais de Maranhão, em Goiás, e Pontal, no Tocantins.

Do lado tocantinense, sobreviveram ao tempo, dentre outras cidades, Arrayas, Barra da Palma (atual Paranã), Conceição (do Tocantins), Natividade, Chapada da Natividade, Príncipe (hoje Chapada de Areia), Dianópolis (ex-Duro – que não nasceu propriamente do ouro, mas sim de um aldeamento de índios que atormentavam os garimpos), Monte do Carmo e Porto Nacional (antigo Porto Real), esta última funcionando como cabeça-de-ponte de navegação e de controle de passagem de pessoas que buscavam as minas do norte da Capitania.

A saga era contada de muitas maneiras, e as histórias de decepções e frustrações são muito mais trágicas e mais numerosas que as de alegria proporcionada pela ilusão do enriquecimento fácil. Como dizíamos, os lugarejos iam surgindo, mas a maioria não passava de simples aglomeração de palhoças sem nenhum conforto, em que o nome “urbano” também não passava de um eufemismo, dada a falta sistemática do que se poderia chamar de “equipamentos urbanos”: arruamentos regulares, construções mais sólidas, administração, serviços urbanos banais, etc.

Assim surgiram Anta, Curriola, Pontal (provavelmente, o primeiro sítio do que seria o arraial de Porto Real, à margem esquerda do rio Tocantins), Pontal da Natividade (próximo à confluência do rio Manoel Alves com o Tocantins).

Outros desses aglomerados não passam atualmente de lugares abandonados ou em completa ruína – Trayras (que foi, ao lado de Villa Boa e Meyra-Ponte, um dos mais importantes arrais do ouro de Goiás), Ouro Fino (Itaiú), Ferreiro, Cocal, Água Quente, Lavrinhas, Amaro Leite (cuja sede foi transferida para a atual cidade de Mara Rosa, à margem da rodovia Belém-Brasília), Santa Rita (hoje chamada de Jeroaquara,

distrito de Faina), a outra Santa Rita (distrito de Niquelândia), Muquém (lugar de peregrinação em homenagem à padroeira de Goiás, Nossa Senhora D’Abadia) e muitos outros, cujos nomes e lembranças desapareceram para sempre do imaginário popular no Centro-Oeste brasileiro.

Apesar dos problemas existentes – o isolamento geográfico, os “Sítios Impossíveis” em que esses arraiais se erguiam, por razões óbvias, próximos às minas – no interior do Brasil, nas capitânias de Minas (Minas Gerais – Goiás-Tocantins e Mato Grosso-Mato Grosso do Sul), a mineração foi a atividade que maior influência exerceu sobre o aparecimento das cidades no período colonial. A fisionomia urbana das cidades nessas áreas era praticamente a mesma, principalmente em Goiás-Tocantins e em Mato Grosso: uma grande praça no centro, com uma igreja matriz ocupando um lugar de destaque, as ruas geralmente tortuosas, decorrentes do relevo acidentado, predominante nas regiões auríferas.

Do lado goiano-tocantinense, excetuando-se a Villa Boa (a Goiás Velha, antiga capital) e a Meyra-Ponte de outrora (a atual Pirenópolis), os arraiais não passavam de pequenas aglomerações com pouco mais de uma centena de casas. O elemento que mais os diferenciava das outras cidades modernas é a sua arquitetura colonial. Geralmente, ao redor da grande praça, eram construídos, além da igreja matriz, os edifícios públicos e as casas burguesas, sobretudo em forma de sobrados. As casas da classe, digamos, média, ficavam mais distantes; eram baixas, normalmente geminadas, cobertas de telhas comuns, pintadas a cal, com janelas enfeitadas com folhas de malacacheta (mica). Mais afastado do centro da cidade, o habitat deixava de ser arquitetural para transformar-se em miseráveis habitações de tampa e de terra batida, cobertas com folhas de palmeiras ou com sapé, que abrigavam as classes pobres

ou escravos alforriados. Eram as autênticas favelas coloniais.

Naquela época, a ocupação do espaço urbano obedecia à mesma lógica da segregação espacial presente nas cidades atuais. Tomemos o exemplo de Goiânia: ao redor da Praça do Bandeirante fica o centro comercial e financeiro; um pouco mais afastado, formando anéis urbanos, estão os bairros burgueses e ricos; mais distante, brotam e multiplicam-se os bairros e conjuntos populares, constituindo a periferia proletária. Aliás, praticamente toda cidade hoje, tanto no Brasil quanto no mundo inteiro, tem esse arranjo espacial, apesar da existência de numerosos condomínios fechados de luxo disputando os espaços urbanos periféricos com as populações proletárias.

Ao se observarem o mapa das cidades goiano-tocantinenses surgidas no século XVIII, verificam-se que as que nasceram do ouro, paradoxalmente, estão, em sua maioria, situadas nas regiões mais pobres e mais despovoadas de Goiás e do Tocantins, no vale do rio Tocantins e de seus principais afluentes – rio Paranã, sobretudo – e aos pés da Serra Dourada, em volta de Vila Boa. Após o esgotamento das minas, muitas delas passaram de relativamente prósperas a decadentes.

Em Minas Gerais, como se sabe, o barroco da arquitetura das cidades coloniais era bem mais exuberante e mais rico, porque o ouro foi aí também mais abundante. Ali nasceram as mais expressivas joias da arquitetura barroca que o ouro pôde construir: Ouro Preto (a antiga Vila Rica, capital da capitania), São João-Del-Rey, Sabará, Mariana, Caetés, Diamantina (a cidade da lendária Xica da Silva e que produziu mais diamantes que ouro), Tiradentes, Congonhas, para citar apenas as mais importantes.



**Altair Sales Barbosa**  
Doutor em Antropologia.  
Pesquisador do CNPQ

# A SAVANA MAIS RICA DO MUNDO

Rosângela A. Corrêa



O Cerrado é o segundo maior bioma da América do Sul. Concentra nada menos que 30% da biodiversidade nacional e 5% da flora e da fauna mundiais, abrigando 12.365 plantas, sendo 4.489 endêmicas; essa diversidade faz do Cerrado a savana mais rica do mundo.

Apesar de sua abrangência, ocupando uma área de 2.036.448 km<sup>2</sup>, cerca de 22% do território nacional, apenas 8,21% de sua extensão é preservada legalmente por meio de unidades de conservação.

Ao longo de 12 mil anos de ocupação humana, uma variedade de meios de vida e estratégias de uso e convivência no Cerrado, estabeleceu-se uma relação dos grupos humanos com essa diversidade ecológica.

Os povos indígenas e comunida-

des tradicionais do Cerrado (quimbolas, geraizeiros, ribeirinhos, babaqueiras, vazanteiros) são a representação atual dessa sociobiodiversidade, como conhecedores e guardiões do patrimônio ecológico e cultural da região.

O Cerrado não tem rios de grande vazão, mas ele fornece águas para as três maiores bacias hidrográficas da América do Sul: São Francisco, Tocantins-Araguaia e Paraná, por este motivo é considerado o "Berço das Águas" do Brasil. Todos os biomas do país, de alguma forma, bebem das águas do Cerrado e os problemas ambientais que o afetam podem desencadear efeitos negativos por quase todo o país.

Conservar os ecossistemas do Cerrado, especialmente os recursos hídricos, é fundamental para

a manutenção da vida como um todo, além do que 90% dos brasileiros dependem da energia hidrelétrica gerada pelas suas bacias hidrográficas.

De acordo com o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), a área original do Cerrado possui apenas um terço do seu território intacto. Historicamente, a expansão agropastoril e o extrativismo mineral têm se caracterizado por um modelo predatório, provocando desmatamento e colocando em risco o equilíbrio ambiental, não somente nas paisagens, mas também nos modos de vida de suas populações que estão ameaçadas, assim como a produção agrícola no Brasil, uma vez que a perda de vegetação nativa do Cerrado compromete a formação de chuvas por

evapotranspiração e a infiltração das águas no solo para recarregar aquíferos e rios da região.

Existe uma ideia equivocada – e cristalizada pelo senso-comum – de que o Cerrado é feio, pobre, seco, improdutivo, sendo os povos que habitavam este território também associados às ideias de atraso e pobreza. No imaginário de muitas pessoas existe um estereótipo do Cerrado ilustrado por árvores secas e retorcidas, cascas espessas e folhas grossas, mas nem só de árvores vive o Cerrado, ele também oferece uma grande variedade de cactos, bromélias, orquídeas, palmeiras e gramíneas.

Destacamos que o conhecimento das comunidades tradicionais e dos povos indígenas associado ao uso e à aplicação das plantas medicinais do Cerrado contabilizam mais de 330 espécies, o que consti-

tui um patrimônio cultural de grande importância.

Muitas espécies do Cerrado também são úteis para os seres humanos por serem alimentícias, energéticas, ornamentais, forrageiras, apícolas, produtoras de madeira, cortiça, fibras, óleo, tanino e material para artesanato. O desconhecimento sobre a sociobiodiversidade do Cerrado pela sociedade em geral tem justificado sua destruição.

Do que vive o Brasil? Desde o início da década de 1970, o Cerrado era considerado propício para a produção de commodities com o objetivo de tornar o país o "celeiro do mundo", ou seja, o maior exportador de grãos, e assim aconteceu. Hoje um total de 88 milhões de hectares e 44% da terra agrícola brasileira está no Cerrado. A pecuária se tornou um dos setores mais rentá-

veis da economia brasileira, sendo que a produção de 40% da carne bovina acontece no Cerrado, movimentando R\$ 400 bilhões em 2016.

No Cerrado também se produzem 84% do algodão, 60% da soja e 44% do milho do país. A produção é feita predominantemente por sistemas de produção intensiva, com utilização de elevadas doses de fertilizantes e pesticidas, inclusive de pesada mecanização, com o fim de obter produtividades máximas.

O enorme potencial produtivo de suas terras, o alto valor de mercado das commodities e a participação desta produção no Produto Interno Bruto (PIB) fazem do Cerrado fundamental para a economia do país. Além disso, a expansão do monocultivo de eucalipto de forma desordenada e a produção de carvão aumentam mais ainda a degradação do Cerrado.

## MUSEU DO CERRADO

Para repensar a imagem do Cerrado e oferecermos um espaço pedagógico para instituições não só educativas, resolvemos criar o Museu do Cerrado. O Museu é virtual e o nosso objetivo é divulgar os conhecimentos científicos e os saberes populares acerca da sociobiodiversidade do Sistema Biogeográfico do Cerrado.

O Museu é um espaço aberto para divulgação de informações/ações/projetos para a conservação, preservação e recuperação do Cerrado e a valorização do patrimônio ecológico, arqueológico e cultural das tradições culturais dos Povos do Cerrado através de conteúdos audiovisuais, artigos, teses, livros, documentos, manifestações artísticas, materiais pedagógicos etc, produzidos sobre o Cerrado.

Queremos comunicar a um público mais amplo e facilitar o maior envolvimento dos cidadãos nos debates e discussões que envolvem o Cerrado. O compartilhamento do saber em todas as esferas e em escala global é uma tendência nítida do mundo contemporâneo, por isto queremos aproveitar o espaço virtual para alcançar mais pessoas e gerar mais impacto na sociedade brasileira na defesa e proteção do Cerrado.

Só podemos ensinar sobre o Cerrado se o conhecermos a fundo. Só poderemos conservá-lo, se dele cuidarmos. Só cuidamos daquilo que amamos e é por amor ao Cerrado que criamos este Museu como forma de mostrar a sua infinita beleza e importância na vida de todos os brasileiros.

Visite o Museu do Cerrado no seguinte site: [museuCerrado.esy.es](http://museuCerrado.esy.es)



**Rosângela A. Corrêa**  
Curadora do Museu do Cerrado  
Universidade de Brasília.



# PARA ONDE CAMINHA A JUVENTUDE NEGRA

Iêda Leal

*"Se quer falar comigo, então fala direito, fala direitão!"  
Karol com K em "Tombei"*

Para onde caminha a juventude negra do Brasil? No País de Rafael Braga, a luta em prol da igualdade se apresenta como principal resposta à segregação e ao extermínio de negros e negras, instaurados por aqui desde os tempos do Império.

O acesso à educação gratuita e de qualidade, à possibilidade de ocupar posições relevantes no serviço público e a construção de políticas que visam à equidade social permitem que os/as jovens negros/as, público-alvo da violência e do encarceramento, se percebam como potencial agente de transformação da sociedade brasileira, tão racista, machista e sexista.

Assim, por meio da luta organizada e da constante mobilização, ativistas denunciam e combatem o racismo, cobrando ações de governo, promovendo a conscientização e fomentando o empoderamento dessa juventude. Nesse contexto, o engajamento de artistas e o surgimento de lideranças jovens dão à causa ainda mais visibilidade e reforçam a trincheira dos/das que defendem um país mais consciente.

O ator Lázaro Ramos e a Rapper Karol Conka são exemplos da positiva adesão. O primeiro, que recentemente lançou o livro "Na minha Pele", onde relata experiências pessoais e reflete sobre temas como Racismo e Formação de identidade e gênero, desponta, de acordo com escolha recente, como um dos 51 negros mais influentes do mundo.

Ao lado da companheira, a também atriz Tais Araújo, Lázaro tem-se posicionado veementemente contra o racismo e em favor de políticas de promoção

da igualdade. A cantora paraense Karol Conka, tornou-se símbolo da resistência por não apenas contar, mas por posicionar-se politicamente em busca do empoderamento das mulheres negras.

Nas redes sociais e no ambiente acadêmico, o surgimento dos chamados coletivos colabora com a formação e a produção intelectual dessa militância jovem, talentosa e ávida por conquistar. O Levante Negro, por exemplo, é um coletivo de caráter informativo e se encarrega da divulgação do trabalho de profissionais negros/as de diversas áreas do conhecimento como medicina, educação e direito.

Dessa forma, expõe uma representatividade concreta a fim de que sirva de inspiração principalmente para jovens negros/as em início de carreira. Já o Blogueiras Negras é uma plataforma colaborativa que permite a comunicação entre mulheres negras. Na página, é possível escrever sobre os mais variados temas de interesse, num debate de altíssimo nível e cheio de grandes ideias.

O fato é que a nossa juventude está organizada e uníssona no coro dos inconformados/as com essa sociedade que, ainda hoje, persegue, prende e mata o/a jovem negro e negra. Seja na grande mídia, nas redes sociais, nas universidades e nas relações de trabalho, essa mocidade resiste, corajosamente, pra dizer não ao racismo e à desigualdade.

E um VIVA à juventude NEGRA, VIVA e organizada!



**Iêda Leal**

Professora da Rede Pública de Ensino, Secretária de combate ao racismo da CNTE, Coordenadora do C. R. Lélia Gonzales, Tesoureira do Sintego e Vice-presidente da CUT - GO



Fotos: Acervo Iêda Leal



# CACTOS E BEIJA-FLORES

Eduardo Henrique



O beija-flor-besourinho-de-bico-vermelho (*Chlorostilbon lucidus* (Shaw)) é uma pequena ave da família Trochilidae, comum da região Nordeste ao Sul do país, com exceção das flores-tas densas da Amazônia.

O tamanho desse pássaro varia de 7,5 a 10 centímetros e ele pesa em média 3,5 gramas. Embora se alimente de insetos e pequenas aranhas, seu hábito alimentar predominante está diretamente relacionado à coleta de néctar das flores.

No bioma Caatinga, observa-se que esse beija-flor visita frequentemente as pequenas flores de algumas cactáceas, princi-

palmente do gênero *Melocactus*, que possui diversas espécies conhecidas popularmente como coroa-de-frade ou cabeça-de-frade.

Para se ter uma ideia, esse gênero possui 20 espécies presentes no domínio fitogeográfico da Caatinga, dentre as quais, 18 são encontradas no estado da Bahia, local que se destaca pela grande diversidade de cactos no Brasil.

Diante desse contexto, o que mais causa preocupação em algumas regiões é que, a cada dia, os beija-flores têm que voar mais para encontrar o néctar dos cactos. O principal motivo disso são

a coleta e o comércio ilegal de cactáceas, que têm se tornado comuns no Brasil.

Devido ao potencial ornamental, diversos cactos, incluindo os da espécie coroa-de-frade, são extraídos do seu habitat e comercializados nas margens das rodovias, causando redução na população de cactos da vegetação circundante, além de causar impactos ambientais negativos para o ecossistema da Caatinga.



**Eduardo Henrique**  
Estudante de Agronomia da UFRPE. Administrador da página Viva Caatinga. Fotógrafo da natureza.

# SETEMBRO AMARELO:

*A cada dia, 32 pessoas se matam no Brasil. Em nosso país, a taxa de suicídios é maior do que a de vítimas da AIDS e da maioria dos tipos de câncer.*

Desde 2004, o mês de setembro é dedicado, no Brasil, à conscientização sobre a importância da prevenção do suicídio. Organizada pelo quarto ano consecutivo pela Associação Brasileira de Psiquiatria - ABP, em parceria com o Conselho Federal de Medicina - CFM, a campanha Setembro Amarelo busca debater e alertar a sociedade sobre a gravidade do suicídio.

Para a ABP, a visibilidade dada à campanha no mês de setembro, embora seu trabalho dure o ano todo, garante mais espaço para a discussão desse tema que precisa ser debatido porque, "segundo a Organização Mundial da Saúde, nove em cada dez casos poderiam ser prevenidos. É necessário a pessoa buscar ajuda e atenção de quem está à sua volta", explica o site oficial da campanha, <http://www.abp.org.br/portal/setembro-amarelo>.

O Setembro Amarelo conta com o apoio do Centro de Valorização da Vida (CVV), do Conselho Federal de Medicina (CFM) e da Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP). Mundialmente, a Associação Internacional para Prevenção do Suicídio (IASP) também participa da divulgação do projeto. O mês de setembro foi escolhido por ser o 10 de setembro a data escolhida pela ONU como o Dia Mundial de Prevenção ao Suicídio.





# CONTRA O CATASTROFISMO

Emir Sader

Tempos como este se prestam para todo tipo de catastrofismo. O capitalismo, na sua era neoliberal, em que a economia é dominada pelo capital especulativo, só produz recessão e desemprego. No Brasil, o acelerado processo de desmonte do Estado, dos direitos dos trabalhadores e dos programas sociais, acompanhado da judicialização da política, permite os piores presságios.

O país está sendo destruído, o governo golpista consegue sobreviver, tenta aprovar leis que blindam sua continuidade para além das eleições, o "lawfare" contra o Lula se

acelera. Vozes se multiplicam dizendo que não haverá eleições, que não vão permitir que o Lula volte, que tudo vai pro pior dos mundos. "Nada es igual, todo es peor", como diz o tango Cambalache.

Quase tudo o que se diz é real, embora as tintas às vezes sejam melancólicas e pessimistas demais. Mas o que fazer diante de um quadro tão difícil como esse? Se levarmos em conta essas vozes apocalípticas, não haverá nada a fazer. Resignar-nos a ser oposição impotente por tempo indefinido. Retirar-nos para nossos quartéis de inverno e esperar a

tormenta passar – se é que ela vai passar, especialmente com a gente tendo se retirado.

A intelectualidade e setores da classe média são propensos a esse tipo de melancolia, de pessimismo, de desânimo. Oscilam para cima e para baixo, afetados pela situação e pelas vozes de cronistas solitários que pretendem, desde a academia, condenar o processo político a uma derrota prolongada.

Mas a realidade não é feita nem só de presságios pessimistas, nem do otimismo ingênuo. A realidade tem as duas caras. A realidade é

contraditória. É aí que entra a política, a intervenção dos indivíduos, a possibilidade de reverter o curso da história, mesmo em condições adversas.

Os governos antineoliberais na América Latina atuaram contra a corrente, em nível nacional, latino-americano e internacional. Conseguiram reverter a tendência a maior concentração de renda, a maior exclusão social, diminuindo as desigualdades no continente mais desigual do mundo. Conseguiram refortalecer o Estado, diante da dinâmica de enfraquecimento do Estado, aprofundar a integração regional e o intercâmbio Sul-Sul, opondo-se à tendência de Tratados de Livre Comercio com os EUA.

Diante da crise recessiva internacional de 2008, o Brasil não se resignou e agiu contra a tempestade, com políticas de fortalecimento dos bancos públicos, de intensificação do mercado interno de consumo de massas. Se tivesse ficado se lamentando e só denunciando, o Brasil teria sido arrasado.

Por isso a análise política da realidade tem que levar em conta os fatores positivos e negativos, os nossos pontos fortes e os fracos, assim como os do adversário. O governo do Lula avançou, desde 2003, nos pontos frágeis do neoliberalismo: privilegiou as políticas sociais, fortaleceu o Estado, intensificou a integração regional e o intercâmbio Sul-Sul. Atacou nos elos mais fracos do neoliberalismo.

Isso faz a política, a intervenção da vontade organizada das forças sociais. Levar em conta as condições objetivas, a correlação de forças, mas não para se resignar a ela e sim para encontrar as formas específicas de intervenção, de concentração das forças na luta pelos nossos objetivos.

Hoje as condições de luta são muito difíceis. Sofremos uma dura derrota, que interrompeu os nossos governos, nos golpearam duramente nos nossos pontos mais fracos, nos reduziram quase à impotência, nos deixaram na defensiva, a direita ganhou a iniciativa e impôs sua agenda. Conseguiu nos isolar de amplos setores da população, criou clichês contra nós que em parte até hoje perduram e dificultam nosso acesso para dialogar com esses setores.

A direita conta com o monopólio privado da mídia, com o Judiciário e a PF, com uma grande maioria a seu favor no Congresso e com a capacidade de iniciativa que a posse do governo permite. Embora ela tenha hoje divisões, é um bloco que se unifica em torno da política econômica do golpe e do pacote antipopular que o governo mandou para o Congresso.

Mas há os elementos de debilidade do golpismo: seu programa econômico é profundamente recessivo e antipopular. O governo está composto pelo que de mais corrupto tem a política brasileira. Seu prestígio internacional é zero.

Nós contamos com imensa rejei-

ção popular do pacote do governo, com uma grande liderança popular que unifica grande parte da esquerda, o deslocamento do centro das preocupações dos brasileiros do tema da corrupção para os temas sociais – o do emprego em primeiro lugar.

No fundamental, é uma situação em disputa. Nada diz que o governo golpista vá sobreviver, nem que a esquerda retornará ao governo. Tudo depende da disputa neste e no próximo ano.

O catastrofismo é um caminho de derrota, de desânimo, de desmoralização, de renúncia. Temos consciência das difíceis condições em que se dá a disputa atual. Mas não tínhamos condições menos difíceis durante o governo de FHC e fomos capazes de revertê-la e sair para o mais importante governo, até aqui, da história do Brasil. Porque tivemos tenacidade, flexibilidade de ação e capacidade de liderança. Elementos que temos hoje, para de novo reverter a situação a favor do povo, da democracia e do Brasil.



**Emir Sader**  
Sociólogo  
Autor do livro "O Brasil que queremos."



Foto: Deva Garcia

# Valorização da água

é debatida na Escola Classe Lajes da Jiboia, em Ceilândia

Como pode a história de um peixe chamado Douradinho despertar ou mesmo acentuar a consciência socioambiental acerca do uso da água em crianças de uma escola rural na divisa do Distrito Federal com Goiás?

Pois foi o que aconteceu com os estudantes da Escola Classe Laje da Jiboia, situada na zona rural de Ceilândia, a aproximadamente 50 quilômetros da Rodoviária do Plano Piloto de Brasília.

Em julho passado, a Escola Classe – que atende 172 crianças, dos seis aos 12 anos, em turno integral (1º ao 5º ano) – foi escolhida para desenvolver o Projeto Douradinho. O objetivo é propor um olhar de valorização da água, por meio da leitura do livro “Amiga Lata, Amigo Rio” - que incentiva as crianças a se tornarem mobilizadoras de ações ambientais.

A partir da leitura do livro em sala de aula são realizados debates sobre os conceitos apresentados.

“Amiga Lata, Amigo Rio” traz uma história de amizade e aprendizado sobre preservação ambiental, que conta as aventuras de Douradinho, um peixinho cascudo que, preso a uma lata, irá nadar contra a corrente em busca de águas mais limpas.

O diretor da EC Lajes da Jiboia, professor Marcílio Ribeiro de Jesus, explica que a água na escola, apesar de abundante na região, não é a utilizada pela unidade escolar. “Nosso poço – assim como outros -, infelizmente, está contaminado. Isso faz com que tenhamos que recorrer a carros-pipa para abastecer a caixa d’água e a comprar galões de água mineral para o consumo”, disse. Para ele, este é apenas o início de uma nova história na EC Lajes da Jiboia. “A partir daqui vamos intensificar

a abordagem sobre o zelo com o campo, sobre a alimentação orgânica e sobre outras questões de relevância para termos uma geração comprometida com as causas ambientais”, enfatizou.

Desta forma, “Amiga lata, amigo rio’ traz uma mensagem importante para a comunidade escolar e é ponto de partida para



Foto: Deva Garcia

Professor Marcílio: “Isso é só o começo. É o ponto de partida para projetos maiores”

projetos maiores, sem falar na criação de uma consciência ecológica entre os pequenos”, destacou Marcílio.

O mesmo pensa a professora de Atividades Rejane Alves. Segundo a docente, o projeto “agregou novos olhares ao que já trabalhávamos na escola, surpreendendo positivamente”.

No dia 14 de agosto, o autor da obra “Amiga Lata, Amigo Rio”, Thiago Cascabulho, esteve na Escola Classe. “O Distrito Federal já é um velho conhecido do Projeto Douradinho. Desta vez, passamos uma semana na capital. Na segunda feira fomos para a Ceilândia, indo ainda mais para

o interior [zona rural], até a Escola Lages da Jiboia. Ali a escola inteira nos esperava com paródias, redações, poemas e desenhos feitos pelos os alunos. Quanta curiosidade e perguntas interessantes! Realmente o trabalho foi bem feito por ali...”, afirmou.

**História** - Vivendo em um rio poluído, Douradinho, um peixinho cascudo, teve sua nadadeira enganchada por um anzol.

Na outra extremidade da linha, veio enroscada uma latinha dourada com quem ele logo fez amizade.

Corajoso e destemido, Douradinho deixa aquelas águas poluídas que não faziam bem para ele e junto

com sua sempre brilhante companheira, decide nadar contra a corrente em busca da nascente, seguindo a promessa de águas mais limpas.

No caminho, Douradinho e sua lata encontram personagens importantes para a sobrevivência do rio, como a Árvore, protagonista das matas ciliares, e o Afluente, fundamental na tarefa de manter seu fluxo constante. E assim, eles vivem muitas aventuras enquanto aprendem e ensinam sobre cuidados com a natureza.

Mas quando alcança a nascente, o peixinho percebe o quanto seu conhecimento é importante e decide voltar para transmitir a mensagem da preservação.



Foto: Deva Garcia

Professora Rejane Alves reforça a consciência ambiental entre os estudantes

# PEIRÓPOLIS, A TERRA DOS DINOSSAUROS

Zezé Weiss



No princípio, era para ser só uma área de exploração de calcário, estruturada em duas fábricas, fundadas por um empresário espanhol de nome Francisco Peiró, no ano de 1911, no município de Uberaba, no Triângulo Mineiro.

Com o tempo, porém, as fábricas, que chegaram a contratar cerca de 150 trabalhadores, assim como o trecho de rodovia que levava o calcário para São Paulo (1889-1976), foram desativados, e o distrito uberabense

de Peirópolis só voltou a ser notícia no início da década de 1980, com a descoberta dos dinossauros pela equipe do paleontólogo brasileiro Llewellyn Ivor Price (1905 -1980).

Até o final dos anos 1980, os fósseis encontrados em Peirópolis eram todos enviados para o Museu Nacional do Rio de Janeiro. Uma mobili-

zação comunitária do vilarejo de Peirópolis, liderada por Beetowen Luiz Teixeira, conseguiu interromper esse fluxo. Ivor Price e Museu dos Dinossauros, que desde então abriga todos os fósseis descobertos na região. E, em 2004, foi inaugurada em Peirópolis a Rede Nacional de Paleontologia, um moderno centro de pesquisa que une os principais centros arqueológicos do país.

## OS FÓSSEIS DE PEIRÓPOLIS

Foram encontrados em Peirópolis diversos tipos de fósseis de moluscos, vegetais e vertebrados datados entre 65 e 72 milhões de anos, em excelente estado de conservação. Dentre eles, encontram-se uma carapaça quase completa de uma pequena tartaruga, pequenos lagartos, iguanas (*Pristiguana brasiliense*), duas espécies de crocodilos (*Uberabasuchus* e *Peirossaurus*), Sauropodes (*Uberabatitan rebeiroi*), Terópodes e Velociraptorídeos.

## TERRA DOS DINOSSAUROS

Foram também encontrados ali três grupos de dinossauros: Tita-

nossauro - o primeiro de que se teve registro na região. São fósseis de grandes dinossauros herbívoros e quadrúpedes; Terópodes - os fósseis de um grande dinossauro carnívoro foram encontrados às margens da BR 050 durante a duplicação da rodovia, além de já se ter registro através de dentes e ovos destes animais nas escavações nos pontos de coleta localizados próximos a Peirópolis; e Velociraptor - é um grupo um pouco menor no qual encontravam-se dinossauros bem ágeis como os retratados no filme Jurassic Park.

## UBERABASUCHUS TERRIFICUS

O *Uberabasuchus terrificus* cujo nome significa "Crocodilo Terrível de Uberaba", considerado a maior descoberta da paleontologia brasileira, foi encontrado no ano 2.000 pelo técnico em escavações Rodrigo Santos da Silva, com cerca de 80% do seu esqueleto intacto. Estudos minuciosos levaram à conclusão de que o achado se trata de um esqueleto de crocodilo carnívoro que viveu há 70 milhões de anos, durante o período Cretáceo superior (100-65 milhões de anos). Estima-se que ele media aproximadamente 2,5 metros de comprimento e pesava cerca de 300 kg, era cruel, comia suas vítimas vivas, possuía hábitos terrestres, vivia em regiões próximas a rios e lagos e provavelmente foi soterrado repentinamente.

## O MUSEU DOS DINOSSAUROS

Ao chegar ao Museu dos Dinossauros, localizado às margens da rodovia BR-262, km 784, a 20 km do centro de Uberaba, na antiga estação de trem da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro, quem nos recebe é uma enorme réplica de um dinossauro herbívoro, obra do artista e escultor Northon de Azevedo Fenerich.

Depois, na sala de exposição, podem-se ver dezenas de réplicas e ilustrações que, juntamente com os fósseis, mostram detalhes e características de cada animal. Ali mesmo, protegido por uma parede de vidro, encontra-se também o laboratório onde são feitas as pesquisas e a limpeza dos fósseis.



Foto: oliviamatar.net



Nos belos e bem cuidados jardins do Museu, que faz parte do Complexo Científico Cultural de Peirópolis, encontram-se réplicas dos dinossauros encontrados, incluindo o *Uberabasuchus terrificus*.

O complexo, administrado pela Fundação Cultural de Uberaba, e desde 2011 vinculado à Universidade Federal do Triângulo Mineiro e à Secretaria de Estado de Ciência, Tecnologia e Ensino Superior de Minas Gerais, encontra-se aberto à visitação pública de terça a sexta-feira, das 8 às 17 horas, e aos sábados, domingos e feriados das 8 às 18 horas.



**Zezé Weiss**  
Jornalista  
Socioambiental

@zezeweiss

Fontes:  
Visita realizada em dezembro de 2014.  
[www.uberaba.mg.gov.br/](http://www.uberaba.mg.gov.br/)  
[pt.wikipedia.org/wiki/Peirópolis](http://pt.wikipedia.org/wiki/Peirópolis)  
[www.uftm.edu.br/proext/cccp/museu-dos-dinossauros](http://www.uftm.edu.br/proext/cccp/museu-dos-dinossauros)

# MOQUECA DE PEIXE

Lúcia Resende

Com uma variação aqui ou acolá, a moqueca de peixe tem origem na culinária indígena e é uma comida tradicional da cozinha brasileira. As mais famosas são a capixaba e a baiana, sendo que a baiana tem temperos mais fortes e a presença

do azeite de dendê, hábito adquirido com os africanos que para cá foram trazidos sob regime de escravidão, no período colonial.

A receita que trazemos nesta edição não é nem uma nem outra, mas toma de empréstimo uma e outra,

acrescenta o açafraão goiano e ainda junta um tiquinho da Ásia, para acentuar o sabor. Como cheguei até ela? Experimentando, ora bolas! E, podem apostar, é uma delícia!

Fundamental: deve ser preparada em panela de barro.

## INGREDIENTES

1 kg de surubim cortado em postas (ou outro peixe sem espinhas)  
 1,5 kg de tomates bem maduros cortados em cubos  
 2 cebolas médias cortadas em cubos  
 1 colher de sopa de azeite de dendê  
 1 vidro de leite de coco  
 1 pimentão verde cortado em lasquinhas  
 1 folha pequena de louro  
 1 colher de sobremesa rasa de açafraão  
 1 colher de chá de colorau  
 1 pitadinha de curry  
 1 pitada de açúcar  
 2 dentes de alho bem amassados  
 Sal, pimenta-do-reino, pimenta-de-cheiro e malagueta (opcional), coentro e cebolinha a gosto  
 Farinha de mandioca o quanto baste

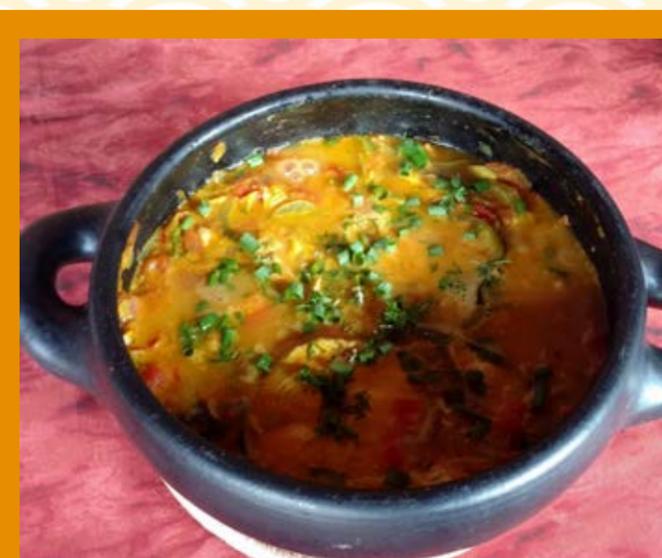
## MODO DE FAZER

1. Lave bem as postas de peixe, passe uma água fervendo e escorra rapidamente. Em seguida, tempere com sal, um pouquinho do alho, pimenta-do-reino e de cheiro (opcional), um pouco da cebola e do pimentão. Reserve.

2. Na panela de barro, coloque o azeite de dendê, doure bem o alho restante. A seguir, junte o louro, o açafraão e a cebola, mexendo e deixando refogar até ficar com aparência vitrificada. Na sequência, o curry, o colorau, o açúcar, os tomates e o sal. Deixe cozinhar até que os tomates estejam quase desmanchados. Aí, coloque o restante do pimentão e as postas de peixe - uma a uma -, mergulhando-as inteiramente no molho. Deixe ferver, prove e corrija o sal, se preciso. Com uma concha, vá retirando o excesso de caldo e colocando em outra panela (de barro, se possível), para fazer o pirão. Quando o peixe estiver cozido, acrescente o leite de coco (reservando um pouco para o pirão), incorpore e polvilhe com coentro e cebolinha. Sirva bem quente, com arroz branco e pirão.

## PIRÃO

Para o pirão, basta usar o caldo retirado durante o cozimento (se preciso, para aumentar, pode-se acrescentar um pouco de água, lembrando de conferir o sal), acrescentar leite de coco, pimenta-malagueta, coentro, cebolinha, e engrossar com farinha de mandioca, deixando cozinhar por cerca de 5 minutos.



**Lúcia Resende**  
Professora

@mluciares



**SINDPD-DF**

Filiado à CUT e à FENADADOS

## UM NOVO MUNDO É POSSÍVEL INFORMÁTICA PÚBLICA RESTAURANDO AS CONEXÕES LOCAIS

No Brasil reconhecer o papel central da Informática Pública para a "revolução do desenvolvimento" é insuficiente. A complexidade e ingovernabilidade da nossa economia requer uma estratégia "botton up" de desenvolvimento - partindo da localidade para o respectivo estado e deste para o nacional - exatamente para tratar a diversidade de cada economia local. O modelo para ser funcional e possível de ser executado com governo efetivo sendo implementado com total autonomia e independência em cada localidade. Esse é o requisito fundamental da estratégia para restaurar as CONEXÕES LOCAIS entre os técnicos - trabalhadores/profissionais - e entre os respectivos legados de "relações", processos, empreendimentos e iniciativas que restam secundarizados, marginalizados e destruídos na voragem da "Globalização".

## "NOVA" INFORMÁTICA PÚBLICA - UMA CONSTRUÇÃO COMUNITÁRIA

Aqui reside o paradoxo que uma Informática Pública - a que estamos construindo comunitariamente - em oposição a esse domínio e monopólio dos centros da "Globalização" deve revelar, desfazer e superar. Essa Informática Pública não é aquela do senso comum, sempre confundida com uma Informática Estatal, que é destinada a sustentar somente os processos das ações estatais e governamentais e dos serviços públicos.

O desenvolvimento no "início do Século XXI" é estruturado pela Informática Pública, o instrumento

para enxergar e operar no "meio técnico-científico-informacional" que encapsulou todos os processos humanos e conseqüentemente a realidade - mundo físico - fazendo emergir uma realidade virtual - mundo regido pela tecnologia.

A Informática Pública no Século XXI é um conjunto completo [muito maior], rigorosamente o conjunto estendido da Informática Estatal "clássica". Compreendido como um modelo que comporta seis componentes articulados e integrados, sendo eles: I. Empresa "própria" de tecnologia; II. Técnicos vinculados diretamente à respectiva empresa; III. Organização e consolidação de arranjo econômico local integrado e associado ao "negócio"; IV. Conformidade governada pelos produtores e operadores da tecnologia V. Nas plataformas, software livre, incorporando cabedal e possibilitando "controlar" o "ciclo de vida" da tecnologia; VI. Nos "produtos" e serviços, software público compartilhando o cabedal tecnológico e esses "produtos" e serviços do "negócio" com entes públicos e privados expandindo e fortalecendo a economia do desenvolvimento.

Essa "nova" Informática Pública contém todas as informáticas - plataformas de hardwares e de softwares - para sustentar as economias estruturadas e as ações políticas demandadas num determinado território e, para isso, Software Livre - acesso ilimitado à técnica - e Software Público - técnica compartilhada com total liberdade - são essenciais. Absolutamente vitais! A possibilidade de vida digna e feliz para todas as pessoas.

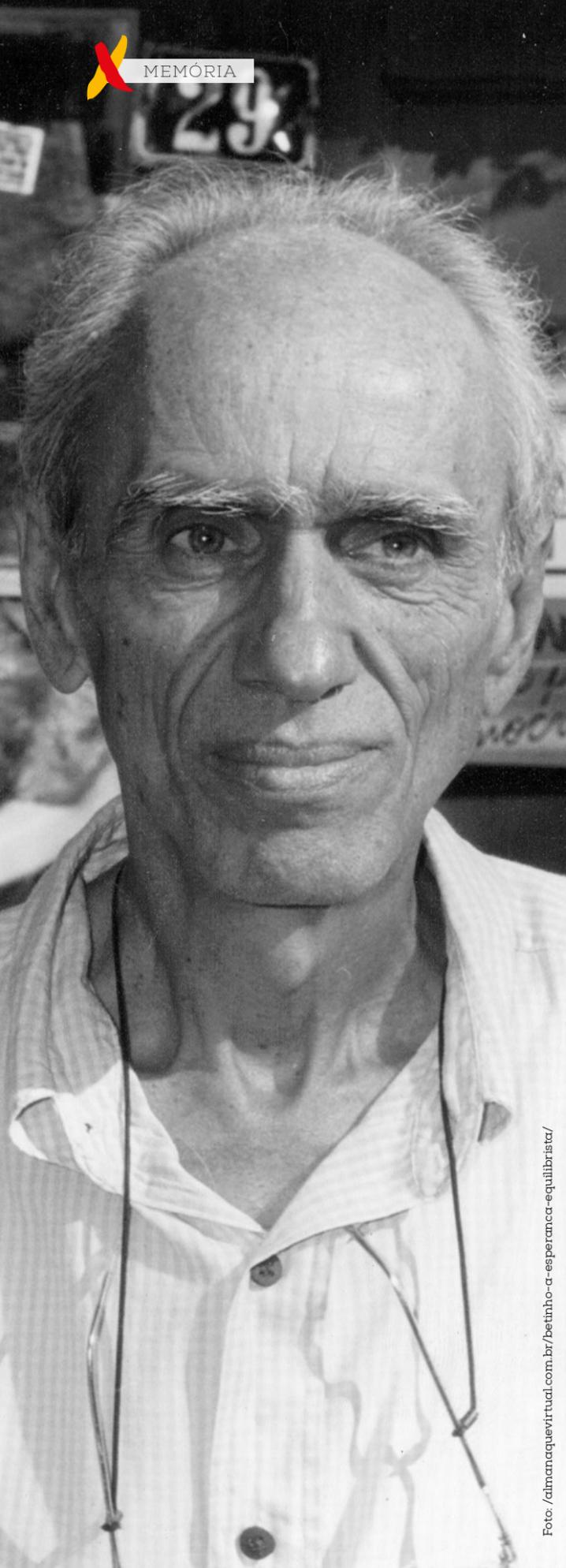


Foto: /almamaquevirtual.com.br/betinho-a-esperanca-e-equilibrista/

## A FALTA QUE BETINHO NOS FAZ

Leonardo Boff

No dia 9 de agosto ocorreram várias celebrações pelos 20 anos da morte do sociólogo e ativista social Herbert de Souza, vulgo, Betinho. Uma delas foi feita na UFRJ/Coppe na Ilha do Fundão conjuntamente com o Coep – Comitê de Entidades no Combate à Fome e pela Vida.

Presente estava a companheira de vida, Maria Nakano, além de muitos professores e alunos. No Jardim da Cidadania, foi descerrada uma placa de homenagem e se plantou um duplo pé de Manacá, árvore da preferência de Betinho. Houve várias falas. Uma coube a mim, resumida neste artigo.

Há mortos que recordamos com saudade, mas há também mortos que celebramos com júbilo. Estes não estão ausentes, são apenas invisíveis. É o caso do Betinho. Em suas próprias palavras, sua vida foi uma sucessão infinita de sortes: hemofílico, sobreviveu à tuberculose e por fim se confrontou corajosamente com a Aids.

Militou na esquerda católica contra a ditadura militar, viveu no exílio no Chile, no Canadá e no México. Regressou em 1997 recebido por uma multidão, reconhecido como o irmão do Henfil, genial cartunista. Almir Blanc e João Bosco immortalizaram o Betinho com a canção sempre cantada “Esperança Equilibrista” sobre “a volta do irmão do Henfil”.

Betinho foi um homem de grandes sonhos e de não menores realizações: a fundação da Ação da Cidadania contra a Fome, a Miséria e pela Vida, o Coep, em colaboração com o engenheiro de Furnas, André Spitz,

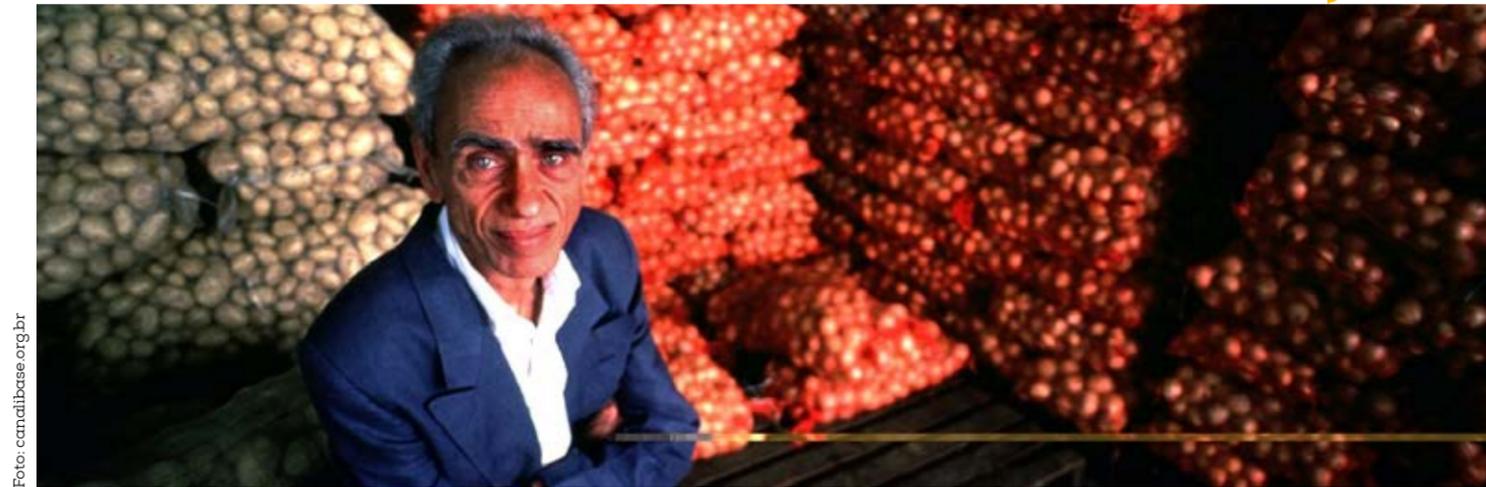


Foto: canalibcse.org.br

com o Coppe e o Coep ajudou a formar o Comitê de Entidades Públicas no Combate à Fome, Comitês da Cidadania pelo Brasil afora, o Natal sem Fome e a ABIA para o estudo da Aids, entre outras. Entre 1993 e 2005 a Ação da Cidadania distribuiu 30.351 toneladas de alimentos, beneficiando cerca de 3 milhões de famílias.

Sua prioridade absoluta, verdadeira obsessão humanitária, era o combate à fome. Costumava responder aos que o criticavam de certo assistencialismo que “a fome tem pressa”, não permite esperar a grande revolução. Com razão dizia Gandhi que a fome é “a forma de violência mais assassina que existe”. Isso Betinho queria evitar a todo custo.

Dar de comer nunca pode ser um gesto apenas assistencialista, mas de um humanismo em grau zero. Juntos dizíamos com frequência: “o pão que tenho em minhas mãos é material; mas o pão que entrego ao faminto é espiritual, pois vai carregado de amor, de compaixão e de humanidade e salva a vida”.

Ao regressar ao país, optou pela sociedade civil e não pelos partidos e pela participação no Estado. Na sociedade civil via a presença de potencial de solidariedade e de criatividade que poderia ser mobilizado em favor das grandes causas nacionais: cobrar ética na política, reconstruir a democracia pela base, participativa e popular, a urgência da reforma agrária em terras do campo e da cidade, o combate à fome, o incentivo à educação na linha de Paulo Freire, a introdução, por primeiro, da internet no Brasil.

Betinho era um indignado contra a anti-realidade brasileira dos milhões de marginalizados, castigados com a fome e as doenças da fome. Mas não era um resignado. Logo lançava projetos para pô-los em prática, sempre com um sentido de trabalho coletivo e solidário.

Se vivesse hoje, com a desordem social provocada pelo infame golpe parlamentar, jurídico e midiático, atrás do qual se escondem as classes oligárquicas

que Darcy Ribeiro considerava as mais insensíveis e reacionárias do mundo, o que vem sendo repetido por Jessé Souza, Betinho estaria seguramente na rua mobilizando o povo, os movimentos, os que ainda acreditam no Brasil, para defender a nossa frágil democracia e salvar os direitos sonogados aos trabalhadores, aos futuros aposentados, exigindo a demarcação dos territórios indígenas, impugnando as privatizações, especialmente do pré-sal, e acusando como crime de lesa-pátria a venda de terras nacionais a estrangeiros.

Os escândalos da corrupção milionária atingindo a maioria dos partidos e as grandes empresas o levariam seguramente a retomar com vigor o tema sobre o qual tanto se debatia: a ética na política e a transparência em todas as coisas. Que falta nos faz o Betinho, órfãos de lideranças confiáveis. O ódio que atravessa nosso tecido social seria incompreensível a ele que pregava o amor aos mais invisíveis aos quais entregou a pouca vida que tinha.

Se alguém quer saber o que é o espírito, deve olhar para aquele corpo mirrado e alquebrado que, no entanto, irradiava vida, coragem, esperança e sentido de humanidade para com todos. Era espírito puro na sua expressão melhor de inteligência, criatividade, sonho, compaixão.

Deixou-nos o desafio de “recriar o Brasil e de re-fundar a nação” a partir do povo em cuja solidariedade acreditava e em sua alegria de viver da qual participava. Repetia: sem sonho e sem esperança não há vida nem futuro.

Betinho é uma figura de que o Brasil e a humanidade podem se orgulhar. Ele era e é um Justo entre os povos, especialmente, entre os pobres. Sua inspiração nos fará sair enriquecidos da atual crise.



**Leonardo Boff**  
Filósofo. Teólogo. Escritor.  
Excerto do livro Saber Cuidar.  
18ª Edição. Editora Vozes.  
2012.

## ASSÉDIO MORAL NO TRABALHO: TRABALHADOR, TRABALHADORA, NÃO SE CALE!

Você sabe aquele sentimento doído, que cala no fundo da alma, quando a pessoa se vê ante uma sensação de mágoa, raiva e revolta por se sentir inútil, desprezada, menosprezada e sem valor? Tudo isso se resume em uma palavra que causa dor, tristeza e sofrimento: humilhação.

Quando a humilhação se dá no ambiente de trabalho, criando situações constrangedoras, repetitivas e prolongadas, onde predominam as relações desumanas e sem ética, deses-

tabilizando emocionalmente a vítima, forçando-a até a desistir do emprego, estamos diante de um caso de Assédio Moral ou Violência Moral no Trabalho.

Estudos dizem que o Assédio Moral é tão antigo quanto o próprio mundo do trabalho. Felizmente, hoje o princípio da dignidade da pessoa humana é constitucional e garante tanto ao empregado quanto ao empregador, que sofre assédio moral, o direito de indenização pelos danos decorrentes de sua violação.



### O QUE É ASSÉDIO MORAL?

Essas são algumas características do Assédio Moral:

- Ofensas, menosprezos, constrangimentos, ultrajes no ambiente de trabalho.
- Críticas, piadas, ameaças ou insultos por parte de superiores hierárquicos.
- Sobrecarga de tarefas, instruções imprecisas, imposição de horários.
- Isolamento, verificação de bolsas e sacolas, restrição do uso do banheiro.
- Processo deliberado de perseguição, mesclado por atos repetitivos e, sobretudo, prolongados, ocorridos entre colegas de cargos diferentes ou de mesma função, ou, mais comumente, entre superiores, chefes e subordinados ou subordinadas.

### O QUE FAZER DIANTE DO ASSÉDIO MORAL?

A cartilha Assédio Moral e Sexual no Trabalho, do Ministério do Trabalho e Emprego, sugere que a vítima resista às ofensas e tome algumas medidas práticas, como:

- Avise a direção da empresa, para que as providências sejam tomadas.
- Anote, com detalhes, todas as humilhações sofridas: dia, mês, ano, hora, local, nome do agressor, testemunhas e conteúdo das conversas.
- Dê visibilidade às situações, procure a ajuda de colegas que tenham testemunhado ou sofrido as mesmas humilhações ou constrangimentos.
- Evite conversas particulares com o agressor ou com a agressora.

### ASSÉDIO MORAL É CRIME. DENUNCIE!

Telefones: (61) 3631 3569 ou (61) 99676 3181 (zap)  
sinprefor@gmail.com

## A LENDA DO PORAQUÊ, O GUERREIRO ENCANTADO QUE DÁ CHOQUES

Diz a lenda que, antes de virar o temido peixe-elétrico da Amazônia, o Poraquê era um exímio caçador e um valente guerreiro de uma bonita aldeia indígena, localizada perto do fenômeno da pororoca, que é onde as águas do Rio Amazonas encontram as águas do mar, lá no Amapá.

Por lá contam que, nos tempos de festa, era sempre Poraquê quem trazia a melhor caça, era sempre Poraquê que mais venciam nos combates. Porém, contam também que Poraquê nunca estava feliz com suas conquistas, que sempre queria mais, que na verdade o que ele queria era ser o maior guerreiro da face da Terra.

Para se tornar o grande guerreiro, Poraquê tentou, um dia, dominar o fogo, mas as labaredas o fizeram recuar. Ele tentou, então, dominar o grande rio, mas uma pororoca enviada contra ele por Iara, a sereia das águas, o derrotou outra vez. Foi então que Poraquê subiu em um pé de vento e pediu ao deus trovão um relâmpago emprestado.

Poraquê, por fim, conseguiu o que queria. Com seu relâmpago, fez uma borduna e, com ela, nos frequentes dias chuvosos, invo-

cava os raios. Foi assim que Poraquê se fez grande, derrotando com sua borduna de raios os inimigos de sua aldeia. Porém um dia, depois de vencer mais uma batalha, notou sangue em sua borduna. Ao lavá-la, nas águas fortes do Rio Amazonas, um dos raios caiu na água e o transformou em um peixe diferente que, para se defender, ao ser atacado, dispara rajadas elétricas sobre seu inimigo.



# SINTEGO ITINERANTE GOIÂNIA: O SINDICATO NA ESCOLA, MAIS PERTO DA CATEGORIA



Uma conquista inédita anima o Sinteago nesses tempos de grandes ameaças para a classe trabalhadora: Em Goiás, mais de mil profissionais da Educação se filiaram ao Sindicato nos últimos 90 dias, fortalecendo ainda mais a luta do Sinteago nestes 29 anos de sindicato.

Esses números são especialmente especiais no momento em que o governo golpista de Michel Temer promete, com a Reforma Trabalhista, quebrar as pernas dos Sindicatos pela não-obrigatoriedade do pagamento da contribuição sindical.

O que faz com que um Sindicato, mesmo ante uma conjuntura extremamente adversa, amplie sua base de forma tão expressiva? Para Bia de Lima, presidenta do Sinteago, uma das respostas está no Sinteago Itinerante, que representa o canal

direito de comunicação junto aos trabalhadores e trabalhadoras da Educação em seus locais de trabalho.

O projeto, iniciado em 2016 com a visita da presidenta e sua equipe técnica a todas as 36 regionais do Sindicato no Estado, continua agora, em 2017, nas escolas das redes estadual e municipal de Goiânia.

Para o professor Wanderson Nascimento, o Sinteago Itinerante em Goiânia é um grande acerto: "sou professor da Escola Estadual Professora Olga Mansur. A vinda do Sinteago tem sido proveitosa, pelo fato da nossa escola ser de tempo integral, e a gente não ter tempo de se deslocar até o Sindicato. Então eu fico muito grato por esse presença que garante uma aproximação maior com o sindicato que nos representa e

consequentemente fortalece a nossa luta."

O método é o mesmo da experiência bem-sucedida nas regionais: Em uma sala, biblioteca, ou mesmo pátio de uma escola, instala-se uma mesa de informações, uma assessoria jurídica com a presença de um advogado para encaminhar as demandas práticas, uma pequena mesa de lanches, e um espaço para apresentações e diálogo com a presidenta, que costuma chegar na hora marcada e só deixar a reunião depois da última dúvida esclarecida e do último abraço recebido.

Em Goiânia, o Sinteago Itinerante começou no mês de agosto e vai até o mês de dezembro, em alternância programada de visitas tanto à rede municipal quanto à rede estadual. O apoio vem não somente dos professores e

professoras, mas também das pessoas que trabalham no administrativo das escolas. Maria de Lourdes, agente administrativa há 22 anos, assim expressa seu entusiasmo pelo Sinteago Itinerante: "Estou achando muito bom a entrada do Sinteago, porque assim podemos tirar as dúvidas, eu mesma estou com algumas pendências e estou feliz por não precisar ir ao Sinteago, aqui mesmo vou resolver tudo que preciso."

Para Bia de Lima, o carinho e o reconhecimento recebido nas escolas de Goiânia supera todas as expectativas. "Essa resposta tão abrangente, tão direta e tão bonita nos deixa muito felizes, porque representa o reconhecimento ao esforço de uma Sindicato que, em seus 29 anos de luta, sempre procurou estar mais perto da categoria, e isso ganha mais visibilidade agora, com o Sinteago Itinerante," diz Bia, que completa: "É aqui, nessa convivência cotidiana, que ouvimos as melhores sugestões para melhorar nosso trabalho, e é aqui também que prestamos conta, da forma mais direta e transparente possível, dos serviços que o Sinteago presta à nossa categoria."

A Escola Estadual Professora Olga Mansur foi a primeira a receber a equipe do Sinteago, seguida da Escola Municipal Maria da Terra, na primeira semana de projeto. Já as escolas Deputado José Luciano, Escola Municipal Itamar Martins Ferreira e Escola Municipal Professor Percival Xavier Rebelo, fecharam a segunda semana de visitas.

Nelas, os assuntos mais tratados foram o pagamento do Piso, da Data-base, ações judiciais, como a restituição do Ipasgo e do 13º, a direção do Sinteago também constrói uma pauta de reivindicações que são levadas, tanto a Sedue, quanto a SME. O Sinteago Itinerante também levou atendimento jurídico, com confecção de carteirinhas e filiação de novos sindicalizados.



"Felizmente, as filiações continuam a acontecer em todas as visitas do Sinteago Itinerante," comemora Ana Luiza, diretora no Sinteago.

## BALANÇO POSITIVO

Em 2016, o Sinteago Itinerante esteve presente em todas as 36 regionais sindicais. Foram três meses na estrada, percorrendo mais de 12 mil quilômetros. Foram realizados cerca de 3 mil atendimentos, que ajudaram a agilizar a solução de problemas como aposentadoria, averbação de tempo de serviço, mas, prin-

cipalmente, na área de Saúde Financeira. Durante o Sinteago Itinerante de 2016, foram feitas 700 novas filiações e/ou recadastramento. "Para 2017, esperamos celebrar os mesmos ótimos resultados deste trabalho de fortalecimento do nosso trabalho junto à nossa base," completa Bia de Lima.



# ZUZU ANGEL:



**Mãe de preso político desaparecido. Pioneira do movimento brasilidade em moda alta costura.**

Iêda Vilas-Bôas

Zuleika Angel Jones tinha por nome de batismo: Zuleika de Souza Netto. Conhecida como Zuzu Angel no mundo da alta costura, foi uma famosa estilista brasileira, nascida em Curvelo, Minas Gerais, em 5 de junho de 1921.

Mãe do militante político Stuart Edgar Angel Jones e da jornalista Hildegard Angel, Zuzu inovou ao desenhar e pintar sua moda. Adotou o sobrenome Angel, de seu marido americano Norman Angel Jones, e a figura de um anjo passou a ser a marca registrada de suas criações.

Ainda criança mudou-se para Belo Horizonte e quase por brincadeira descobriu sua vocação. Começou criando e costurando modelos originais para suas primas. Logo correu à boca miúda que os belos cortes e vestidos vinham das mãos de fada e da cabeça farta de ideias da competente Zuzu.

No auge de sua juventude mudou-se para a Bahia, onde encontrou eco para sua nova tendência e incorporou em suas criações a cultura e as cores da terra baiana. Porém foi mais tarde, nos anos 1950, já no Rio de Janeiro, que deu início oficial à sua carreira de estilista.

Costurou e criou moda por muitos anos e conseguiu juntar dinheiro para abrir uma loja no bairro de Ipanema. Misturou renda, seda, fitas e chitas com temas regionais e folcloristas, juntou tecidos estampados de pássaros, borboletas e

papagaios com pedras brasileiras, fragmentos de bambu, de madeira e conchas.

Essa nova moda agradou a burguesia e emergentes. Zuzu virou a estilista dos ricos e famosos. Sua moda seguiu para o mundo, começou a realizar desfiles de moda nos EUA, sempre destacando a alegria e a riqueza de cores da cultura brasileira. Foi Zuzu quem trouxe para o Brasil e popularizou no universo da moda nacional o termo *fashion designer*, iniciando o que hoje conhecemos por moda fashion.

Entretanto, o destino lhe reservou uma amarga porção: nos anos de Chumbo, a elegante Zuzu é obrigada a “descer do salto” e se embrenhar nos escuros porões da ditadura militar em busca de seu amado filho Stuart Angel Jones. Nessa sua sofrida missão de tentar encontrar, pelo menos, o corpo de seu filho, tornou-se um ícone ao desafiar as leis impostas pela ditadura militar.

Seu filho Stuart envolveu-se na política e integrou o grupo guerrilheiro de ideal socialista MVR-8 (Movimento Revolucionário 8 de outubro) que combatia o regime militar instalado em 1964 no país. Jovem culto, formado em Economia, com dupla cidadania – americana e brasileira –, foi preso em 14 de abril de 1971 e foi barbaramente torturado até a morte pelo Centro de Informações da Aeronáutica (CISA) no aeroporto do Galeão, no Rio de Janeiro.

Sua mãe, Zuzu Angel, tentou em vão recuperar e enterrar o corpo do filho que deu sua vida por um ideal. Esse corpo jamais foi encontrado e figura entre a lista dos desaparecidos políticos.

Sua luta contra o regime militar e pela recuperação do corpo de seu filho foi feita em forma de denúncia trazida nas suas estampas e, dessa maneira, conseguiu chamar a atenção dos Estados Unidos.

Zuzu criou uma coleção que trazia estampadas manchas vermelhas, pássaros engaiolados e motivos bélicos, com representação de armas. Sua marca registrada, o anjo, vinha ferido e amordaçado. Este anjo simbolizava o filho morto e desaparecido.

Em setembro de 1971, ela realizou

um desfile-protesto no consulado do Brasil em Nova York. Declarava abertamente seu repúdio ao regime militar e inteligentemente desafiava uma lei da ditadura militar que impedia aos brasileiros que criticassem o país no exterior. Tecnicamente estava em território brasileiro, mas em outro país.

O jornal canadense *The Montreal Star* ecoou seu protesto: “Designer de moda pede pelo filho desaparecido”. O *Chicago Tribune* fez o mesmo: “A mensagem política de Zuzu está nas suas roupas”. Suas roupas passaram a ser vendidas em lojas de renome como *Bergdorf Goodman*, *Saks*, *Lord & Taylor*, *Henry Bendell* e *Neiman Marcus*, que passaram a vender suas roupas. Celebidades de Hollywood, como *Joan Crawford*, *Liza Minelli* e *Kim Novak* também se envolveram em sua causa.

No início de 1973 foi ao apartamento do general Ernesto Geisel no Leblon, acompanhando Henry Kissinger, então secretário de estado norte-americano e suplicou pelo corpo do filho ao próprio presidente do regime militar. Não foi atendida. Em 1976, conseguiu furar a segurança pessoal do presidente e entregou-lhe um dossiê com os fatos sobre a morte do filho. Também dessa vez não obteve sucesso.

O senador Edward Kennedy denunciou a morte de Stuart no plenário americano e atijou ainda mais a ira do governo militar brasileiro contra a mãe angustiada. Numa atitude de desespero Zuzu, durante a aterrissagem de um voo, tomou o microfone de bordo da mão de uma aeromoça e anunciou aos passageiros que eles desembarcariam no Brasil, país onde se torturava, se matava e se desaparecia com os corpos de jovens estudantes idealistas.

A morte de Zuzu ficou envolta sob um espesso manto de mistério depois de um acidente de carro, em 1976. Uma dúvida risca o ar. Terá sido um assassinato a morte de Zuzu? O que se sabe é que seu Karmann Ghia TC na Estrada da Gávea, à saída do Túnel Dois Irmãos – hoje Túnel Zuzu Angel (Estrada Lagoa-Barra), derrapou, saiu da pista, chocou-se contra a mureta de proteção, capotou e caiu

na estrada abaixo, matando-a instantaneamente.

Uma semana antes do acidente, Zuzu visitou o amigo Chico Buarque de Hollanda e deixou com ele um documento para que fosse publicado caso lhe acontecesse uma fatalidade, onde se lia: “Se eu aparecer morta, por acidente ou outro meio, terá sido obra dos assassinos do meu amado filho”. Em 1998, a Comissão Especial dos Desaparecidos Políticos julgou o caso Zuzu Angel sob número de processo 237/96 e reconheceu que, “por ter [Zuzu] participado, ou por ter sido acusada de participação, em atividades políticas, tenha falecido por causas não-naturais, em dependências policiais ou assemelhadas”.

Notícias de Stuart voltaram à tona em 2014, quando em inquérito, instaurado pela Comissão Nacional da Verdade, Cláudio Antônio Guerra, ex-delegado do Departamento de Ordem Política e Social do Espírito Santo (DOPS – ES) confessou e confirmou a participação dos agentes da repressão na morte de Stuart Angel Jones.

Zuzu recebeu inúmeras homenagens depois de sua morte. Chico Buarque compôs e Miltoninho do MPB colocou melodia na canção Angélica, em 1977. Em 1988, o escritor maranhense José Louzeiro escreveu o romance *Em carne viva*, com personagens e situações que se assemelham ao drama vivido por Zuzu Angel. Em 1993, Hildegard Angel criou o Instituto Zuzu Angel de Moda do Rio de Janeiro, em memória de sua mãe. Em 2006, um filme sobre sua luta e vida, protagonizado por Patrícia Pillar, foi lançado pelo cineasta Sérgio Rezende com o nome: Zuzu Angel.

A luta da mãe e estilista não deve figurar em vão, ao contrário, deve servir de alerta para que anos de repressão não ceifem vidas e nem assolem os ideais políticos em nosso país. Salve Zuzu!



**Iêda Vilas-Bôas**  
Escritora

# A ÁRVORE NA CIDADE

Antenor Pinheiro



O espaço público da cidade produz dois fenômenos simultâneos e assim os estudiosos da sociologia urbana concluíram: ao mesmo tempo que esconde a individualidade do sujeito, faz emergir a força da coletividade. É na rua que a

expressão do “eu” se reduz em protagonismo diante do “nós”.

A queda do idoso na calçada, o choro da criança pedinte, o ônibus lotado que passa, o barulho ensurdecido do carro, despertam o desconforto solidário nos passan-

tes da cidade. Mas ao mesmo tempo a travessia solene do pedestre diante do carro rendido também representa a conquista de todos nós.

Pensa se não é verdade! Todo mundo se irmana na rua, diante

do suplício experimentado ou do grito incontido da vitória. Isto é a força do sentimento coletivo que se manifesta no espaço público, porque é nele, e tão somente nele, que se faz a política, que se alimentam as contradições dos nossos interesses enquanto “eu”, enquanto “nós”.

Vejam o que ocorre com a árvore na cidade! Esta componente biótica da paisagem urbana repercute o mesmo ânimo coletivo e esquizofrênico manifestado nas suas esquinas.

Se por um lado é reclamada, adorada e pretendida nos domínios públicos (praças, jardins, bosques...), ao mesmo tempo é rechaçada, desprezada e sabotada quando compromete a fachada da “minha” loja, a entrada da “minha” garagem, a estética da “minha” calçada, a fiação da “minha” rua.

(Ó! amada e amaldiçoada árvore diante do meu e do nosso desejo, se ao menos você falasse...!)

Talvez não houvesse polêmica quanto à importância da árvore no espaço urbano não fosse o Brasil o principal agente devastador de suas próprias florestas, seja por omissão ou inépcia continuada.

Essa realidade repercute na capacidade de discernimento das pessoas que passam a não emprestar a adequada atenção ao papel da árvore nos espaços públicos de nossas urbes. Não observam que quanto menos espaços verdes possui uma cidade, mais embrutecidas, áridas e quentes ficam suas ruas; logo, menos frequentadas e mais violentas.

Não por menos o bom senso levou alguns legisladores brasileiros (ufa!) a exigir planos de arborização para as cidades, especialmente à luz da política nacional de mobilidade urbana; que prioriza os modos de transportes não motorizados (a pé e por bicicleta) em relação aos motorizados.

Estabeleceram-se assim as diretrizes para reduzir os impactos negativos no jeito de se deslocar a pé e de bicicleta num mundo cada vez mais urbano, no qual as



sombras tendem a prevalecer pela projeção do sombreamento dos edifícios.

Não é difícil compreender que a árvore exerce importantes papéis na cidade, desde a redução da poluição do ar, da estabilização da temperatura, da difusão dos impactos das chuvas, da absorção de ruídos, como também a garantia de sombras naturais com fator estimulante para a caminhabilidade ideal. Afinal, ainda é pelo modo a pé que as pessoas se deslocam em maior número nos espaços públicos, no qual se busca harmonizar os interesses eternamente conflitantes entre a individualidade e a coletividade.

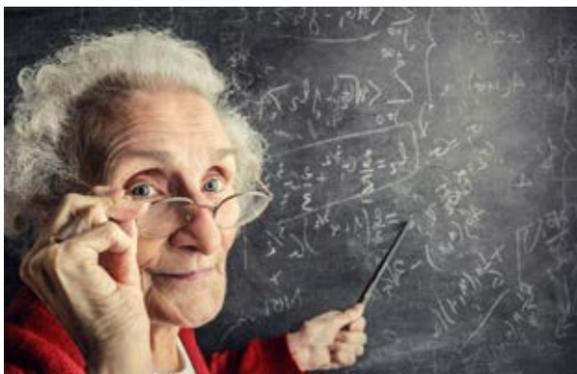


**Antenor Pinheiro**  
Jornalista, membro da Associação Nacional de Transportes Públicos/ANTP

**REDE PARTICULAR DE ENSINO:**

## TEMER VAI ACABAR COM A APOSENTADORIA DOS PROFESSORES.

Trajano Jardim



Nestes tempos bicudos em que no Brasil foi instituído um "fascismo de novo tipo", onde instituições continuam em funcionamento, porém a Constituição perde o seu valor e os princípios éticos não são respeitados, suplantados pela hipocrisia dos homens públicos, sem que a sociedade dê manifestações de indignação, falar em defesa dos direitos fundamentais torna-se inócuo, desestimulante e enfadonho.

No segmento do ensino privado colabora ainda para esse estado de coisas a passividade de uma parte da categoria que se vê iludida pela avalanche da mídia conservadora, que ganhou as mentes e os corações dos trabalhadores. Estes passaram a ver como inimigo o Sindicato, a única organização que desde o seu surgimento, no século 19, é a trincheira de defesa diante do capital espoliador.

O governo instalado, precisamente há um ano, por uma ação ilegítima com apoio do legislativo, do judiciário e do aparato da Polícia Federal, em 12 meses destruiu uma gama de legislações sociais conseguidas por meio de lutas históricas dos trabalhadores e da sociedade.

Dentre os estragos feitos pela reforma, um atinge diretamente os professores do setor privado, que não terão mais aposentadoria diferenciada,

O SINDICATO AINDA É A ALTERNATIVA!

para quem leciona na Educação infantil e no Ensino Médio.

A aposentadoria diferenciada do professor é o benefício que o INSS oferece aos trabalhadores que exercem atividade exclusiva no magistério. O tempo de serviço mínimo necessário para adquirir direito a aposentadoria por tempo de contribuição hoje é diminuído em cinco anos. Os professores têm que cumprir 30 anos e as professoras 25 anos. Com a reforma terão que trabalhar por mais de 40 anos.

Este direito não foi uma benesse dos governos. Ele é resultante das lutas das organizações sindicais da Educação. Antes, ele era concedido aos professores de todos os níveis. A pressão das entidades patronais retirou o segmento do Ensino Superior. Agora o benefício só é concedido para os docentes que tenham exercido atividade nos ensinos fundamentais e médios.

Além da reforma da Previdência, a trabalhista e da terceirização, também vão atingir diretamente o setor de educação privada. Com elas virão o fim das férias coletivas e dos recessos; o parcelamento das férias e do 13º salário; poderá ser implantado o trabalho intermitente e o trabalho por módulo, formatos de contratação que não reconhecem aviso prévio, FGTS e outros direitos inseridos na CLT

Para enfrentar o tsunami que varre as conquistas e coloca a categoria em condições similares as relações de trabalho do início da Primeira Revolução Industrial, que beirava ao regime de escravidão, os trabalhadores têm que ter consciência que só existe uma alternativa na atual conjuntura, para se contrapor a tempestade de exploração: reforçar o conceito positivo e construtivo do sindicalismo, numa fase de duros ataques do capital a direitos trabalhistas e à organização dos trabalhadores: FORTALECER OS SINDICATOS.



**Trajano Jardim**  
Jornalista e Professor  
Universitário



## CÉSIO 137: O MAIOR ACIDENTE RADIOATIVO DO BRASIL COMPLETA 30 ANOS

Em setembro de 2017, provavelmente no dia 13, a tragédia do Césio-137, o maior acidente radioativo do Brasil e, também, o maior acidente radioativo do mundo fora das usinas nucleares, completa 30 anos.

O Césio-137, um isótopo radioativo do elemento químico era usado em equipamentos de radiografia na forma de um sal (cloreto de césio) pelo antigo Instituto Goiano de Radioterapia (IGR), que o guardava dentro de uma cápsula revestida de uma caixa protetora de chumbo.

Depois que o hospital foi desativado, a cápsula de césio, encontrada por dois sucateiros entre os escombros do IGR, foi vendida para Devair Alves Ferreira, dono de um ferro-velho. Ao abri-la para aproveitar o chumbo, Devair liberou cerca de 19 gramas de césio no meio ambiente.

Encantado pelo sal de brilho azulado encontrado dentro da cápsula, Devair o distribuiu para amigos e familiares, incluindo seu irmão, Ivo Alves, que o levou para casa.

Ao se alimentar sem lavar as mãos depois de ter brincado com o pó de césio, Leide das Neves Ferreira, filha de Ivo, ingeriu pequenas quantidades de césio e, tal como outras pessoas que foram contaminadas, em apenas algumas horas passou a sentir náuseas, vômitos, tonturas e diarreia.

Desconfiada, a esposa de Devair, Maria Gabriela, levou partes da bomba para a sede da Vigilância Sanitária. No dia 29 de setembro, foi

dado o alerta de contaminação radioativa. Em 23 de outubro, faleceu Leide das Neves, considerada a maior fonte humana da radiação. Enterrada em um caixão de chumbo.

Uma força-tarefa foi criada para remover os objetos contaminados e tratar as vítimas - 249 pessoas foram examinadas e, destas, 22 foram isoladas em razão da alta taxa de contaminação. Quatro morreram: vítimas da radiação: Leide, Maria Gabriela, e dois jovens de 18 e 22 anos que trabalhavam no ferro-velho. Devair faleceu no Rio de Janeiro depois de sete anos de tratamento.

O lixo atômico do acidente com o césio-137, que compreende cerca de sete toneladas de plantas, animais, materiais de construção e objetos provenientes do hospital abandonado, do ferro-velho e de toda a vizinhança, foram colocados em tambores envoltos por concreto e depositados em espécie de piscina de concreto impermeabilizada, em Abadia de Goiás, a 25 km do centro de Goiânia.

Nos anos subsequentes, outras pessoas também morreram em razão da exposição à radiação. Uma delas foi Ivo Alves, pai de Leide das Neves, que faleceu 16 anos depois. Outros carregam traços deixados pela radiação: Odesson Alves Ferreira, um outro irmão de Devair, perdeu parte da palma da mão e partes de um dedo.

Leide das Neves tornou-se o símbolo dessa terrível tragédia que os moradores de Goiânia nunca esqueceram.



## COBRA CIPÓ, BOIOBI, COBRA VERDE

Cezar Santos

Cobra cipó é um nome popular atribuído a inúmeras espécies de serpentes que possuem padrões de cores e formatos semelhantes aos da vegetação, e utilizam a ponta da cauda e seu longo corpo, que pode medir até 1,5 m, para se prenderem nos galhos das árvores, sendo muitas vezes confundidas com os cipós.

Algumas espécies são conhecidas como “boiobi” que, em tupi-guarani, significa “cobra verde”, porém, o padrão de coloração pode variar de acordo com a espécie.

O gênero *Philodryas* compreende algumas espécies distribuídas ao longo da América do Sul, que alimentam-se de aves, lagartos, anfíbios e pequenos mamíferos.

Muito estigmatizadas, as serpentes, em geral, sofrem com o misticismo de lendas e crendices, que alimentam o medo e o imaginário das pes-

soas. Embora, algumas espécies sejam peçonhentas, representando riscos de acidentes graves para o ser humano, geralmente são animais tranquilos, que fogem ao perceberem algum perigo e sentem-se ameaçados. Os acidentes são comumente atribuídos ao descuido ou à imprudência do ser humano.

As serpentes, também exercem um enorme fascínio nas pessoas, e apesar de toda má fama, injustamente, a elas atribuída, desempenham um importante papel na natureza, promovendo o controle populacional de algumas espécies e o equilíbrio ecológico do meio ambiente.



**Cezar Santos – Biólogo.**  
Zoológico Municipal de Mogi Mirim – São Paulo.

# ~São meus,~ *são seus,* são nossos!



**Defender os  
bancos públicos  
é ampliar o  
crédito produtivo,  
gerar empregos  
e apoiar o  
desenvolvimento.**



Nós fazemos a Xapuri acontecer. Você, com sua assinatura,  
faz a Xapuri continuar acontecendo!

**REVISTA  
IMPRESSA**

**ANUAL**

R\$ **110,00**  
12 EDIÇÕES

**BIANUAL** R\$ **199,00**

24 EDIÇÕES  
(BÔNUS: REVISTA DIGITAL)

**REVISTA  
DIGITAL**

**ANUAL**

R\$ **55,00**  
12 EDIÇÕES

**BIANUAL** R\$ **99,00**

BÔNUS: REVISTA IMPRESSA  
(DO MÊS DA ASSINATURA)

**ASSINE JÁ!**

[WWW.XAPURI.INFO/ASSINE](http://WWW.XAPURI.INFO/ASSINE)